SYLVIO ROMÉRO

MINHAS CONTRADICÇÕES

COM UM PREFACIO

— DE —

ALMACHIO DINIZ

1914
LIVRARIA CATILINA
DE ROMUALDO DOS SANTOS
LIVREIRO EDITOR
RUA SANTOS DUMONT, N. 6
BAHIA

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

SYLVIO ROMÉRO

MINHAS CONTRADICÇÕES

COM UM PREFACIO

— DE —

ALMACHIO DINIZ

1914
LIVRARIA CATILINA
DE ROMUALDO DOS SANTOS
LIVREIRO EDITOR
RUA SANTOS DUMONT, N. 6
BAHIA

Por sobre as

«MINHAS CONTRADICÇÕES»

do sr. Sylvio Roméro

Aqui se abre um livro precioso do sr. Sylvio Roméro. Fui o escolhido pelo seu proprio autor para ser aquelle que dissesse as primeiras palavras ao leitor. Não me recusei á eleição feita, e devo confessar que o faço sob todas as illuminuras do grande escriptor, que vou prefaciar, não o apresentando, como é dos effeitos dos prefacios, mas gosando a apresentação de meu nome que a companhia

do seu me favorece. Ao lado do nome do sr. SYLVIO ROMÉRO, nome que não escrevo sem muito carinho, porque, ao lado da admiração intellectual que me inspiram as suas producções ardorosas, fala a amizade, a grata amizade, que une os nossos corações, sinto a distincção de ser eu quem, embora prefaciando, seja o apresentado ás letras nacionaes.

Razões devem ter havido para essa escolha: as que percebo são flores da nossa immensa sympathia intellectual, o que não quer dizer que, por muitas vezes, não polarisemos as nossas idéas. Polymathico que é, o escriptor das *Minhas Contradicções* não póde fazer obra para a universalidade dos seus leitores. Poeta, critico, philosopho e jurista, sob cada um desses aspectos ha de produzir impressões novas, impressões mais ou menos fortes, porque as sensibilidades dos homens não são as mesmas, e, ainda mais, porque num mesmo homem a sensibilidade varia. E que acontece? E' que, de ordinario, o que sente bem o critico não sente o poeta, e o que sente melhor o jurista, sente mal o philosopho. O que

é muito, na verdade, é poder ser sentido como poeta, critico, philosopho e jurista. Gabe-se, com justo orgulho, de o ser o sr. Sylvio Roméro.

Felizmente a sua producção não é obra de irrupção, em que a violencia do apparecimento tenha esmagado o valor dos productos. Tem sido calcada, atravez de annos, com o tempo, o que é elemento substancial, sobre bases solidas, em paginas numerosas, obedecendo a uma directriz, a uma só directriz, coisa que não é nada commum nos que se entregam á polygraphia. A resistencia que tem conservado inteiriça a sua volumosa obra, numa terra em que os autores se immortalisam muitas vezes pela espectativa de produzir, de futuro, um bom livro, que, outras tantas vezes, não apparece, prova sobejamente a inanidade dos ataques, e, o que é mais notavel, a segurança cohesiva das aspirações intellectuaes realisadas. Em questão de critica, os casos como o do sr. Sylvio Roméro ainda são mais perigosos, porque, impotente, a censura não esmorece entretanto, investindo constantemente no uso dos recursos mais ignominiosos,

que entram nas *vacances* dos honestos que, ou nunca houve, ou, si houve, foram realmente impoderosos para a destruição que visavam. O argumento é substituido pelo apodo, o facto pela deshonestidade, o qualificativo pelo insulto e a funcção moderadora pela aggressão insolita. De outro modo não exercem a critica os que, farejando o escandalo de bater um grande nome, não cohibem os seus odientos assomos e investem, desharmonicos e obsecados, contra o autor da *Historia da Literatura Brazileira*.

Comtudo, si é verdade que um nome póde só por si representar uma fórma da cultura literaria de um paiz, o do sr. Sylvio Roméro é o indice maior de nossa cultura litero-philosophica, bastando, como um expoente, para dizer a nossa potencia de saber, num difficil ramo da esthetica, que é a critica sociologica. E, si a sua funcção de estheta, de apreçador dos valores de nossa literatura, por vezes fraqueou, não temos o direito de querer encontrar a causa na fraqueza das faculdades julgadoras do grande critico. Delle poderemos, então, repetindo Georges

RODENBACH, a proposito de OCTAVE MIRBEAU, dizer apenas que "elle é antes de tudo um coração mizericordioso", porque, só por mizericordia, o seu illuminado espirito deve ter deixado a bater azas, nas esteppes das nossas letras, os avejões que as atrasam e deterioram. Aliás, a melhor mizericordia teria sido a do tiro mortal, porque, ainda que metempsychose fosse verdade, jamais se ergueriam para affrontar, sob a mesma forma, o bom senso dos seus coévos . . .

O sr. SYLVIO ROMÉRO abriu as origens de uma caudal limpida, em que se têm abeberado todos os nossos escriptores. A sua *Historia da Literatura Brazileira* marcou uma epoca na nossa formação intellectual: a do inicio de nossa critica literaria. Foi aquella a catadupa de melhores ensinamentos que se desenvolveu nas nossas letras. Ella começou de deslisar serenamente, formando o rio em cujas aguas todos os que se têm creado, com intenções estheticas, foram a beber. Alguns houve, porém, que, ou porque temessem o reflexo de sua sombra na superficie da agua corrente; ou porque, glutões e

ingratos, não quizessem limitar-se á bebida e descessem ao banho, toldaram o liquido fluente, ao termo de, embora não negando a sua fonte, obscurecerem os seus principios e negarem a sua existencia. Mas, o sr. SYLVIO ROMÉRO, si maus discipulos produziu e que negam o seu mestre, por certo para a maior felicidade deste, porque honra não cria o discipulo que desmente o conceito de S. Francisco de Assis não se avantajando ao mestre, accendeu um brilhante facho, que irradia no oriente, a indicar o caminho unico da verdadeira funcção julgadora. O autor das *Minhas Contradicções* venceu como os conquistadores que HEREDIA cantou:

> Penchés à l'avant des blanches caravelles,
> Ils regardaient monter en un ciel ignoré
> Du fond de l'Océan des étoiles nouvelles . . .

Essas "novas estrellas" despontadas aos beneficos ensinamentos da obra do pensador e philosopho que é o sr. SYLVIO ROMÉRO, estão creando-se como os astros no mesmo turbilhão electronico de que o sol se compôz. Não hão de ser eguaes sóes: poderão

ser novos e de maiores irradiações, attestando, porém, as influencias que o magnetão central espalhou por toda a zona ambiente. Nos que vieram depois do sr. SYLVIO ROMÉRO estão visiveis não só, mas tambem sensiveis, todos os traços de sua profunda creação. Alguns, como o sr. OLIVEIRA LIMA, honram á maestria do grande preceptor. Mas, outros, como o sr. JOSÉ VERISSIMO, se parecem com as *étoiles filantes*, que vivem a chocar as atmospheras dos grandes astros, perdidos e fóra da gravitação sideral, como as almas dos judeus errantes, sem individualidade propria, e representando as aparas imprestaveis dos seres de que provieram . . .

Outro valor devemos salientar na obra de critica do sr. ROMÉRO. Creador da critica não se limitou a tel-a creado. Vai sendo tambem o seu criador, isto é, depois de ter-lhe dado a existencia, é poderoso bastante para lhe proporcionar os meios de subsistencia evolutiva, por vezes indicando-lhe as formas novas. Algures escrevi: "Foi a melhor lição com que a cultura alleman dotou, no actual momento,

a cultura esthetica dos homens. Os recursos todos dos mais afamados criticos francêses, sendo destructivos, como de verdade o foram os de HENNEQUIN, de H. TAINE, de FERDINAND BRUNETIÈRE, de LA HARPE e outros, foram derrubados pelas theorias das integrações estheticas. E, no Brazil, onde se implantaram os processos francêses, com maior ou menor virtualidade, a critica soffre, neste momento, a remodelação apontada, com toda exhuberancia, em obras do sr. SYLVIO ROMÉRO, como producto da grande capacidade philosophica que todos lhe reconhecem, e seguida por mim, desde 1907, pelo sr. MIGUEL MELLO, em 1911, sobre EÇA DE QUEIROZ, e pelo sr. ALCIDES MAYA, no seu profundo estudo sobre o *humour* de MACHADO DE ASSIS, ultimamente apparecido com real successo. E' o exercicio da tutela que, como espirito forte, ficou devendo e vai prestando o sr. SYLVIO ROMÉRO á sua creação. Elle não indicou apenas o caminho aos que fazem a critica no Brazil. Faz de guia pelo proprio caminho traçado, por vezes vendo perderem-se, pelas escarpas

marginaes, ou pelas veredas erradas, os que, carentes de sua tutela, se apregôam de emancipados do bom mestre, e descambam pela sujeição aos vicios e aos erros de sua personalidade mal educada, e sem os correctivos que poderia trazer a assistencia dos bons mentores. São os taes e os quejandos que só lêm o que já leram, e o que não bastou para a sua completa formação. São os taes que levam á conta de vontade propria o que é apenas a inaptidão para leituras, e se confessam incapazes de novos horizontes pela preferencia que clamam pelos que mal agiram em sua figuração erradía e desnorteada.

Entretanto, si em qualidade não rivalisam, muito menos em quantidade competem as obras de todos elles, em conjuncto, com a do sr. Sylvio Roméro, em apartado. Para oppôr aos raros volumes de cada um delles e á somma de todos, mencionam-se cincoenta producções do autor das *Minhas Contradicções*. São livros de poesia, livros de direito; são livros de critica, livros de philosophia; são livros de sociologia, livros de politica. Em todos elles ha a mesma forma

combativa, a critica differencial. Em todos elles ha a mesma nota constructiva, a critica integral. Porque, differenciando, para encontrar o valor do producto avaliado, o sr. SYLVIO não desintegra, nem deixa o valor apurado sem a integração no quadro respectivo. E, sómente elle, entre os criticos brazileiros de consagração feita, tem a capacidade philosophica e a orientação logica de assim o fazer.

Qualitativa quanto quantitativamente a obra do sr. SYLVIO ROMÉRO é das mais distinctas.

Tem elle escripto:

A poesia contemporanea, 1869.

Ethnologia selvagem, 1873.

Razões justificativas do art. 482 do Codigo Commercial, these, 1875.

A philosophia no Brazil, 1878.

Cantos do fim do seculo, 1878.

A literatura brazileira e a critica moderna, 1880.

Interpretação philosophica da historia, 1880.

Cantos populares do Brazil, 1882.

O naturalismo em literatura, 1882.

Contos populares do Brazil, 1883.

Ensaios de critica parlamentar, 1883.

Ultimos harpejos, 1883.

Valentim Magalhães, 1884.

Uma esperteza, 1884.

Estudos de literatura contemporanea, 1885.

Estudos sobre a poesia popular no Brazil, 1888.

Historia da Literatura Brazileira, 2 vols. 1888.

Ethnographia brazileira, 1888.

Organisação republicana, 1889.

Luiz Murat, 1891.

Historia do Brazil, 1891.

Parlamentarismo e presidencialismo, 1893.

Doutrina contra doutrina, 1894.

A verdade sobre o caso de Sergipe, 1895.

O vampiro do Vasa-Barris, 1895.

Ensaíos de philosophia do direito, 1895.

Machado de Assis, 1897.

Novos estudos de literatura contemporanea, 1897.

Ensaios de sociologia e literatura, 1900.

Livro do centenario, 1900.

Martins Penna, 1900.

O elemento português no Brazil, 1902.

O Duque de Caxias, 1903.

Passe recibo, 1904.

Discursos, 1904.

Parnaso sergipano, 2 vols., 1904.

Vista synthetica da literatura brazileira, 1904.

Evolução do lyrismo brazileiro, 1904.

Outros estudos de literatura contemporanea, 1906.

O allemanismo no sul do Brazil, 1906.

A patria portuguêsa, 1906.

Compendio de historia da literatura brazileira, 1906.

A America Latina, 1907.

Da Critica, 1909.

Zeverissimações ineptas na critica, 1909.

Provocações e debates, 1910.

Quadro synthetico da evolução dos Generos, 1911.

O Brazil na primeira decada do seculo vinte, 1911.

A banca-rôta do regimen federal, 1912.

O castilhismo, 1912.

A geographia da politicagem, 1912.

Em qualquer desses volumes, o escriptor é o mesmo. Um critico teve receio de surprehender JULES LEMAITRE «au lever de l'aurore», porque talvez o extranhasse; o diluculo poderia ser confuso demais para a claridade fustigante do meio-dia. O sr. SYLVIO ROMÉRO pode ser surprehendido em qualquer dos seus volumes. Elle é o mesmo, tanto na *Poesia contemporanea* que data de 1869, quanto nas *Minhas contradições*, que serão datadas de 1914. quarenta e cinco annos depois. A luz não soffreu *nuances* escandalosas. O dia tropical não tem diluculo obscuro: apenas a luz foi menos intensa ao nascer do que o é ao meio-dia. Mas a luz é sempre a mesma: fecunda, forte, segura dos seus dominios deixando que a substancia passe sob a acção dos seus raios, consumindo-se, sem que ella diminúa o numero dos seus reflexos ou a exponencia de suas vibrações electronicas.

Verão os leitores si tenho razão. O sr. Sylvio Romêro está no seu zenith. E, melhor do que eu, dirão o estylo, a logica, a philosophia e a honestidade do livro que aqui se abre.

Bahia, 1914.

Almachio Diniz.

Advertencia prévia

Escusado é dizer que não considero Lomelino Freitas—gente... Para mim não passa do mais perfeito *symbolo* de certa casta de imbecis, tomados da mania de campar de escriptores, posto não possúam nem talento, nem saber, nem paixão por um ideal, nem qualquer missão social a cumprir.

Esses parasitas agarram-se aos escriptores reaes, como grandes carrapatos, dos que em Sergipe se chamam *rodolêgos*. Fazem pêna, causam dó; mas, ás vezes, é indispensavel arrancal-os.

Ha muito, em parte escusa do corpo, se me tinha agarrado o *rodolêgo*.

Não lhe prestei attenção e cahiu por si. De novo, passados annos, se me agarrou, e tive de lhe arrancar os dentes definitivamente.

Disseram-me que tinha trazido para a vida a tarefa de fazer orol, de traçar a carta das minhas *contradicções,* e que, ao menos por este lado, era urgente arrancar o... carrapato.

E' o que fiz.

As sandices do estupido ahi vão desmascaradas, neste ponto, por uma vez.

E' tão relesmente aparvalhado, que não conhece as cousas mais simples de que se mette a falar; não sabe o que é a *contradictio* em geral, e, menos ainda, a *contradictio in adjecto*... Pensa que toda mudança é contradicção e toda contradicção uma *contradictio in adjecto*... Coitado!

Viu, mesmo em escriptos meus, essa expressão e repete-a sem saber o que diz. O imbecil!

Sempre é um analphabeto, repetidor inconsciente, que colloca na mesma esteira, na mesma categoria,—o *cogito ergo sum*—de Descartes ao lado da *Vontade* de Schopenhauer, da *Ideia* de Hegel, do *Inconsciente* de Hartmann, do *Inde-*

terminado de Hamilton, do *Noumenon* de Kant, do *Incognoscivel* de Spencer... Um horror... O imbecil! (1)

Decididamente o mundo está para se acabar...

Lomelino *Bocêta*—falando nessas cousas! O mundo está para se acabar... São presagios do cataclysma.

Ouviu falar naquellas palavras em maiusculo, não sabe de que se trata, e encanga-as com o *cogito ergo sum* de Descartes... O imbecil!

Juntar concepções extremas da metaphysica daquelles pensadores com o expediente logico de Descartes! E' incrivel! Só a pedradas.

Quem lêr este opusculo e comparal-o com os vómitos de Lomelino, quer o de 1900, quer o de 1911, na parte em que com elles me occupo—*minhas contradicções,* notará que não digo palavra acerca das parvoices do toleirão, no que se refere aos projectos por mim apresentados ao Congresso Nacional, *limitando as milicias dos Estados e o*

(1) Ninguem se admire: é mal de familia; tem Lomelino um *mano*, um famigerado Dr. Florisbello Freitas, que passa por grande cousa, que já classificou em livro que corre mundo, o MORCÊGO entre as aves e o MILHO entre as arvores fructiferas!! E é formado em medicina. Santo Deus!

abuso das vendas de largas extensões territoriaes a syndicatos estrangeiros.

São duas medidas urgentissimas, que, ainda hoje, estão a pedir sejam decretadas.

Não daria jamais a confiança de discutir com Lomelino qualquer questão dessas.

A's tão apregoadas contradicções respondi, visando, não a elle directamente, e sim a outros.

Tinha, principalmente, em mira, esse desmantelado chaveco que dá pelo nome de José Verissimo, famoso leiloeiro das taes contradicções, o qual aliás nunca as definira, contentando-se com as affirmações vagas, tão do gosto de toda casta de paspalhões ousados.

O homem das tartarugas nunca sahiu das vociferações sem limite e sem determinação, como esta: "As suas contradicções e incongruencias já passaram em proverbio".

Ou esta, falando da *Historia da Litteratura:* "... em que as contradicções se contam pelas paginas".

Sente-se que é muito exaggerado para ser sin-

cero; mas, por demasiado vago, era impossivel responder.

Ora, desde que appareceu um *alforgista* que desata as correias do *baduláque* e expõe á venda um rosario de *licoris,* feito com as *minhas contradicções,* era o caso de correr sobre elle. Devia tel-o feito desde 1900, mas, então, não o pude por motivos adeante nomeados.

O interessante é que os dois leiloeiros das minhas contradicções—são irreconciliaveis inimigos. Estão de accôrdo somente para agredir-me.

Pelo que me toca, se tivesse de escolher entre os dois, declaro-o sem pestanejar, preferiria mil vezes uma descompostura do Sr. José Verissimo a qualquer elogio, por mais rasgado, do Sr. Lomelino Freitas. Tenho cá meus motivos.

Pode-se divergir do primeiro e até com elle brigar; porque briga-se com gente, lucta-se com um escriptor.

Com o outro, especie de *baleiro da litteratura,* nem para o céu...

E' muito lêrdo e empacador (2). Não présta para nada.

Ao grande publico direi, por fim, que todos os homens sensatos sabem perfeitamente que só os estupidos e os insinceros, os que não estudam, não aprendem, não melhoram, ou os que, tendo mudado, querem, para fins illicitos, ostentar uma coherencia que já não existe, só esses é que ficam ahi a repetir sempre as mesmas cousas, as mesmas velharias, sem as alterar num ceitil; aquelles por ignorancia ou estupidez, os outros por velhacaria, má fé, fingimento e hypocrisia, para passarem pelo que não são.

Um homem de intelligencia e caracter não póde occupar nenhuma daquellas posições.

"Um homem que não muda—é um homem absurdo". Já o dizia Leibnitz.

(2) Pensando illudir o publico e tapar-me a bocca, fingindo imparcialidade, começa Lomelino o seu desgraçado e desengonçado libello, fazendo-me elogios como *historiador*, para, em seguida, cobrir-me de baldões e descomposturas, como *critico*. E o valor de um historiador não está exactamente na sua capacidade *critica*, e o valor de um critico em sua justa vizão *historica?* Isto é que é contradicção e da mais legitima especie: o livreco é que é um tecido intrinseco de contradicções. Se *in adjecto* ou não, vá perguntar álgum frade que tenha estudado logica.

Mudar, variar, ampliar, corrigir ideias, no correr dos annos, não é contradicção.

Abram qualquer compendio de Logica.

Posta esta canga aos pescoços dos dois irreconciliaveis inimigos—Verissimo e Lomelino, despeço-me do publico, rogando-lhe que me perdôe a impetuosidade da linguagem, desabafo justissimo dum homem sempre molestado pelas molecagens de zoilos perversos ou impertinentes.

Rio, outubro de 1912.

Sylvio Roméro.

Minhas Contradicções

I

Diversos amigos meus admiram-se de, passando por bulhento, haver, até hoje, deixado sem resposta tantas e tão extravagantes impertinencias de *Labieno,* de *Tran-Pasêco,* de *Lomelino Freitas,* de *A. Bandeira de Mello* e outros e outros.

Creio que me fazem a justiça de acreditar que, velho polemista, como me appellidam, não teria muita difficuldade em desmanchar esses reles tecidos de cascas d'alho. A razão, sabem-no perfeitamente esses amigos, é que os furibundos artigos de Labieno no *Jornal do Commercio,* reu-

nidos, pouco mais tarde, em volume, os livros de Tran-Pasêco e Lomelino Freitas appareceram pelos annos de 1899-900, exactamente por occasião da grande molestia que inutilisou meu filho mais velho e que, actuando sobre mim proprio, me levou ás portas da morte. Sabem que, em estado melindrosissimo, procurei refugio em Paquetá, mais tarde em Cambuquira, e, pouco após, no Gerez, em Portugal, não esquecendo os mezes que fui fidalgamente acolhido na aldeia de Joanne.

Como poderia eu lêr taes livros e artigos e derrocar essas tres baterias de desafôros e asnidades?

Foi uma coincidencia, verdadeiramente diabolica—a da molestia de meu filho, a minha propria e o bombardeio impiedoso das tres furias contra mim.

Era a guerra exterior, alem da revolução interna.

Eis o motivo porque me calei.

Entretanto, passados os annos, passada a opportunidade, e não tendo nunca mais me restabelecido de todo, meu medico, o illustre Abel

Parente, prohibiu-me toda fadiga physica, intellectual e moral, fechando-me a porta ás polemicas.

Eis a razão—de não haver retrucado tambem ao sr. Verissimo e ao sr. A. Bandeira de Mello.

E é por isso que as *zéverissimações,* não ha muito publicadas, versam sobre leves *piadas* do auctor da *Pesca no Amasonas* em artigos varios a outros consagrados, e não directamente sobre os que, em grossos pelotões, contra mim escreveu.

Vejo, lendo-lhe o livro, quanta razão tive em não fazer o sacrificio de revidar a esse pulha, a esse burlão, sem o minimo valor, a esse parvo Lomelino.

Nem outro fructo se poderia esperar dum pobre diabo que teve de deixar as aulas da Escola Militar, por nunca ter podido comprehender as quatro operações arithmeticas e .que, como escriptor, perigosa mania de que anda affectado, deu a lume os *Mil Sonetos Brasileiros,* empreza de palhaço, e onde occorrem sandices de metter dó...

Já uma vez me haviam chamado a attenção

para algumas das cincadas do magano, farejando contradicções, como se farejasse palha.

Refutei-as de leve em estudo consagrado ao livro do dr. Samuel de Oliveira—*Concepção da Philosophia.*

Agora vou dar uma carga cerrada no bicharôco, ou melhor vou varrer o lixo que o magarefe me poz á porta.

E hei-de deixal-a bem limpa.

Esgrimir armas noutros tempos com alguns espiritos de primeira ordem e vêr-me agora alfinetado por um rodolêgo de boi magro do *campo da villa*... Que decadencia!

São fructos da epocha! Onde os grandes combatentes de antanho que me deram a honra de duellar commigo a peleja das letras e das ideias?

Desappareceram quasi todos e agora me sae á frente um molecóte, um Lomelino Freitas qualquer a gritar-me aos calcanhos... Paciencia!

Agita no ar o rozario de *licoris* ou *dicoris,* como se diz em Sergipe, e brada que a fartura é grande, numerosissimas as contas. Passando, porém, a contal-as enumera apenas quinze...

São as *contradicções* em que tenho cahido.

Quinze!... O imbecil!

Francamente, lisamente, ingenuamente declaro que esperava quarenta ou cincoenta mil, tanto tem sido o barulho que se tem feito em torno de minhas contradicções de certo tempo a esta parte.

Atordoar a gente, em altos brados, com tantas e tão horrorosas contradicções, e passando a catalogal-as, enumerar quinze apenas, sendo até algumas repetições de outras, é verdadeiramente para desapontar.

Esperava muito mais; fiquei com verdadeiro dó do macaquinho de Sergipe...

Gentes!... Coitado do rapazola! Quinze contradicções, quando eram esperadas quarenta ou cincoenta mil!... Ora, ora... arreda-te dahi.

Aqui vão ellas:

A—Ter feito alguns gabos a Comte e ao positivismo na *Philosophia no Brasil*—e os censurar mais tarde em *Doutrina contra Doutrina;*

B—Ter, naquelle primeiro livro, feito elogios

á classificação das sciencias de Comte e censural-a depois no outro;

C—*Idem, idem* sobre a lei dos tres estados;

D—Dizer que o romantismo havia introduzido, no dominio das letras e artes, as ideias corelatas do principio da relatividade e do regimen da historicidade;

E—Haver dito, algures, que, por volta dos annos de 1862-63, se nota um certo marasmo na poesia brasileira, tendo antes, noutro escripto, elogiado poetas daquelle periodo;

F—Dizer, em *Ensaio de Philosophia do Direito,* que a sociologia pode ser considerada sciencia, tendo dito antes, na *Historia da Litteratura,* não estar ella *de todo ainda organisada,* e que, por mais que venha a progredir, *não poderá ser tratada pelos processos da mathematica;*

G—Dizer que a Logica é a Arte da *descoberta* e da *prova;* e, mais, atrever-me a consideral-a —*Sciencia* e *Arte;*

H—Censurar as deposições, ordenadas pelo

governo da União, para satisfazer caprichos de ministros e senadores ambiciosos em fins de 1891 e começos de 1892, na epocha da ascensão de Floriano Peixoto ao poder, e, mais tarde, no segundo semestre de 1894, ajudar o largo movimento popular e partidario, que depôz em Sergipe o presidente militar—capitão José Calasans;

I—Censurar a entrada do *exercito,* como classe, na politica *activa* e *ordinaria* e ajudar o movimento que levou ao governo de Sergipe o coronel M. P. de Oliveira Valladão;

J—Ter dito algures poder considerar Tobias Barretto como *mestre,* e referir, mais tarde, narrando, n'outro escripto, certos factos de nossas relações, que aquelle meu amigo, patricio e condiscipulo—não tinha sido meu *professor* na Faculdade do Recife;

K—Dizer que Machado de Assis manejava a nossa lingua com *aisance,* com *aprumada* abundancia, quando a escrevia em *prosa*... e, depois, que não dispunha profusamente, *espontaneamente,* no verso, do vocabulario e da phrase; que a despeito da correcção, se repetia numa especie de tartamudear;

L—Ter incluido o sr. José Hygino entre os bons professores da Faculdade do Recife e entre os cultores de merito da historia local pernambucana, e, bem mais tarde, chamar-lhe sobretudo um feliz;

M—Ter dito mal, e, depois, bem de Julio de Castilhos;

N—Combater o governo do marechal Floriano, e, depois, me passar (??) para a politica do mesmo marechal, filiando-me ao partido do coronel Valladão em Sergipe;

O—Atacar violentamente a *maioria* (??) dos nossos escriptores, não me escapando á *ira da monomania* (Ah! bandido!) os mais illustres poetas, oradores, juristas, philosophos, historiadores, e, como compensação, elogiar e elevar mais os escriptores mediocres (??) do que os de real merito e valor.

Ahi está tudo.

A esta penca de toleimas—chama—rosario de contradicções palpaveis, evidentissimas...

Agora analysemos.

Não ha ahi uma só palavra, uma só, certa; é um montão de inqualificaveis asneiras.

Que desgraça! E um animalejo que escreve tantas sandices, faz parte do magisterio da Republica, para o qual entrou sem concurso, por influencia do *mano*—ministro!...

Que terra! Que gente!

E ter de repelir um caranguejo destes!

Mas não ha remedio.

Primeiramente, devo salientar que a accusação de contradicção é quasi sempre um recurso banalissimo de que se servem os que não têm accusações sérias a fazer.

"A contradicção—dizia um grande espirito, não me mette mêdo, principalmente, tratando-se de escriptos de datas diversas".

E a nação de mais espirito na actualidade tem como paremia que:—"Il n'y a que Dieu et les sots qui ne se contredisent pas".

Eis ahi: só Deus e os tolos, como Lomelino, é que se não contradizem.

Em todo caso, vamos a examinar, eu e tu,

caro leitor, as sandices desse palhaço, ultra-bronco e archi-sandeu.

Facil será mostrar que elle nem sabe o que é contradicção, nem possúe a mais leve cultura, nem a mais tenue dóse de senso commum, tão grande é o acervo de parvoeiras que agglomera.

Elle confunde contradicção, ora com *versatilidade,* ora com *evolução* e progresso, ora com *retrogradação,* e, assim por deante.

Será preciso lembrar a esse imbecil que, no tocante á posse das ideias em relação ao tempo, os espiritos se dividem em:—*emperrados, versateis, retrogrados* e *progressivos?*

Que os emperrados são os que não mudam, os que, após vinte, trinta, quarenta, cincoenta annos, se acham sempre na mesma posição no tocante ás ideias, classe essa, cujos mais nitidos representantes são as beatas velhas?

Que os versateis, antitheses dos primeiros, são os que mudam sem motivos logicos e intellectuaes, e sim ao sabor das paixões e interesses

de momento, classe, cujos mais eminentes representantes são certos ganhadores politicos, relapsos aduladores de todos os governos?

Que os retrogrados são os que andam para traz, abandonando as conquistas modernas do pensamento que, em outro tempo, abrigaram, e indo tomar posto nos velhos arraiaes, donde outr'ora tinham sahido?

Que os progressivos são os que evolvem, caminham, andam para adiante, uns aceleradamente, outros mais de vagar, com passo firme?

Com relação ao passar dos annos, no evolver das ideias, não existem outras categorias de espiritos.

E onde andam os contradictorios? Esses nada têm que vêr com a evolução, o desdobramento, o desenvolvimento das ideias no tempo e no espaço.

A contradicção é um vicio logico, uma enfermidade, uma lacuna, um desequilibrio do espirito com relação á trama intrinseca do pensamento.

O seu principio é: *"Uma cousa não pode igualmente ser e deixar de ser na mesma occasião"*.

O espirito contradictorio junta ao sujeito predicados antitheticos que se destróem, que não podem coexistir, que não podem ser e não ser, no mesmo momento.

Ora, com justiça, e modestia á parte, a critica será forçada, sempre que fôr manejada por homens de saber e criterio, a collocar-me entre os que moderadamente, é certo, progrediram sempre e nunca entre os contradictorios.

E é esta a razão pela qual, das quinze supostas contradicções que me attribúe o criticalho —dôze são méras tolices delle e as tres restantes, aliás reductiveis a uma só, são mudanças normaes do pensamento, que tinha feito vasto caminho durante dezeseis annos.

Para apadrinhar-se commigo mesmo, porque esse mendigo da intelligencia e do saber agita-se num circulo muito estreito de ideias, cita, como ponto de partida para seus pinotes nos descampados da inconsciencia, um trecho meu. Fez

dessa passagem uma especie de moirão onde prendeu o cabresto para se não desgarrar duma vez.

Mas perdeu o tempo. Coitado!

Aqui vae: "Um espirito contradictorio é aquelle que vive, CONSTANTEMENTE, a mudar suas IDEIAS FUNDAMENTAES em sciencia, politica, arte, religião, philosophia, e tal não é o MEU CASO, tanto que n'este proprio livro tenho aproveitado as MESMISSIMAS IDEIAS espalhadas nos seus irmãos anteriores".

O malvado, para illudir, para fazer mal, para desvairar o leitor, nunca cita a obra e a pagina donde tira os trechos que quasi sempre desvirtúa.

Junta de cambulhada numa mesma transcripção trechos de livros de datas diversas, e até do *Diario do Congresso,* e de jornaes sem a menor indicação dos annos e das paginas. Ha até certo logar, como mostrarei, em que elle junta trechos distanciados 311 paginas entre si...

E' incrivel! Unico em todo o mundo. Só em um logar fala na *Philosophia no Brasil* e no

Evolucionismo e o Positivismo no Brasil; mas sem indicação dos annos das duas publicações, nem das paginas donde extrahiu os trechos; e noutro refere-se á *Historia da Litteratura,* sempre pelo mesmo systema.

O fim do marôto é atrapalhar a mim e ao leitor. Julga-se solto no *campo da villa* e que não poderá ser laçado. Vae ver como será pêado de pés e mãos e operado de volta, de faca ou a macête...

O trecho citado é da *nota* á pag. 1233, do 2.º vol. da 1.ª edição da *Historia da Litteratura.*

Por elle se vê claro que, em 1887, já eu me defendia dos Lomelinos d'então contra a estupida censura de pretendidas contradicções (3).

A definição dada nesse trecho do que venha

(3) Não avalia o leitor a difficuldade que tive para descobrir esse trecho. Foi mister percorrer quasi todos os meus livros, a começar pela *Historia da Litteratura.* Percorrida toda esta, pela 2.ª edição, não me foi possivel encontrar a passagem. Tive de procurar um exemplar da 1.ª edição a ver se estava alli. Finalmente encontrei-a, á pag. 1233, em *nota,* quasi no fim do volume. A nota não foi reproduzida na 2.ª edição. O trefego criticalho ou criticandeiro, reproduzindo agora o livreco, devia notar essa circumstancia, indicando vol. e pag. e edição, d'onde tinha tirado o trecho.

a ser espirito contradictorio assenta muito melhor em espirito versatil.

Aceito-a, porem, sem lhe mudar uma virgula, e, com esse latego em punho, vou apreciar as cabriolas do pascacio.

Em globo commetteu os seguintes delictos:

1.—Occultar os livros, datas e paginas a que se refere;

2.—Truncar e juntar trechos distanciados de paginas afastadas e formar com elles uma só transcripção, como se tivessem sido desse modo escriptos;

3.—Alterar um desses trechos e interpolal-o com dizeres de sua lavra;

4.—Tirar de seu logar uma *nota* e incluil-a no texto doutra pagina a que não pertence, alterando-lhe o significado;

5.—Falsificar o sentido de todos esses ultimos trechos, dando-os como dirigidos a J. de Castilhos, quando se referiam aos governos da União nos annos de 1891 e 92, datas do escripto donde são tirados;

6.—Mentir a valer e vomitar sandices, como se estivesse atacado de asno-enterite aguda.

Tudo isto vae ficar transparente com a analyse completa, ponto por ponto, das quinze contradicções que me attribue o cafageste e de varios appendiculos que lhes juntou.

Vejamos.

II

A.—"Fazer elogios a Comte e ao positivismo, em a *Philosophia no Brasil,* e o atacar, em *Doutrina contra Doutrina*".

Viram bem, leram com attenção?

Approxima-te, rapaz:—Que é ser um contradictorio? Anda, responde...

"Com perdão de V. S., o sr., mesmo nos ensinou que é aquelle que vive a MUDAR CONSTANTEMENTE SUAS IDEIAS FUNDAMENTAES..."

—E quando foi escripta a *Philosophia no Brasil?*

—"Em 1876 e publicada em 1878, sim, sr.".

—E a *Doutrina contra Doutrina?*

—"Em 1892 e publicada nesse mesmo anno, no *Jornal do Commercio*".

—E que annos vão de 1876 a 92, rapaz?

—"Dezeseis, sim, sr.".

—E dezeseis annos são *dezeseis segundos ou dezeseis minutos,* paspalhão?

—"Não, sr.".

—Isto é mudar CONSTANTEMENTE AS IDEIAS, asneirão?

—"Não, sr."

—E como foste affirmal-o na rua, por toda a parte, até entre as quitandeiras?

—Chêga, chêga, toma o calabrote da satyra —para não sêres tão estupido . . .

Eis ahi a famosa contradicção; e, note-se, em *Philosophia no Brasil,* já eu refugo absolutamente o positivismo, fazendo-lhe apenas os elogios a que tem direito, em sentido geral,—como poderosa organisação philosophica, que é.

Em *Doutrina contra Doutrina,* livro de polemica, que precisava ser forte,—por causa da atmosphera social do tempo, o alvo principal era contrariar a influencia politica dos seguidores do systema.

Dahi certo calor de phrase que os Lomelinos, almas de lêsma, pobres sapos dos caminhos, não podem comprehender.

Não é só: nem elogiar um systema, hoje, e censural-o, dezeseis annos mais tarde,—é mudar CONSTANTEMENTE de ideias, e, menos ainda, de ideias FUNDAMENTAES, quando a verdade é que muitas das ideias do positivismo são iguaes ás do evolucionismo, sendo, por isto, Spencer incluido, por Littré, por exemplo, entre os positivistas.

Ponto é este, entretanto, que não dou a Lomelino a confiança de discutir com elle.

B—"Ter feito na *Philosophia no Brasil* alguns elogios á classificação das sciencias de Comte e procurar batel-a em *Doutrina contra Doutrina*".

Aqui pode ser reproduzido o mesmo dialogo acima; porque a censura é a mesma, censura inepta de quem nada entende desses assumptos: achar contradicção, isto é, MUDANÇA CONSTANTE DE IDEIAS entre dizeres, distanciados por dezeseis annos, periodo em que uma rapariga pode ter nascido, crescido, ficado moça, casado e tido dois filhos.

Só da cachóla dos Lomelinos, votados pela natureza a produzir sandices, é que brotam censuras dessas.

C—"*Idem, idem,* em relação á lei dos tres estados".

Se esse enfezadissimo cardo do campo da villa tivesse honestidade literaria, daria conta da lucta que já, a proposito das *Tres Philosophias* do illustre pensador brasileiro—dr. Luiz Pereira Barretto, abro, na *Philosophia no Brasil,* contra o positivismo, em prol do evolucionismo, o que vale dizer que, em *Doutrina contra Doutrina,* não fiz mais do que desenvolver ideias já no outro livro apontadas. O estupido, porque nada entende dessas cousas, salta por cima de tudo isto, e vem notar contradicção entre dizeres distanciados dezeseis annos entre si!...

Em qualquer outro paiz um typo desses tinha immediatamente fechadas as columnas dos orgãos de publicidade, por não envenenar a intelligencia publica com perpetuos dislates.

E não é só: ainda hoje poderei repetir variados elogios que, em 1876, apezar de o combater, fazia ao positivismo.

Quem, entendendo de philosophia, deixará, apezar de os não seguir, de elogiar o platonismo,

o aristotelismo, o atomismo (Democrito), o cartesianismo, o spinosismo, o leibnitzianismo, o kantismo, o hegelianismo, o schopenhauerismo, o pragmatismo (W. James, Bergson...), doutrinas todas essas que são estupendas syntheses philosophicas de altissimo merito?

Outro officio, palhaço. Envergonha-te. Recolhe-te trinta annos a estudar e sai depois para discutir com gente.

Vê o publico que as tres pretensas contradicções só existem na curtissima intelligencia dos imbecis.

Aproveita o ensejo para censurar-me, por haver falado em *sciencias propriamente ditas, quasi sciencias e falsas sciencias.*

O leitor mesmo de mediana intelligencia, percebe logo, por ser evidente, que esse feito de minha vida intellectual seria, quando muito, um deslise, um erro, um disparate, se quizerem; nunca, porém, uma contradicção.

Contradicção de que? Contradicção como? Qual a these de que aquella supposta classificação é a antithese?

E' já demais ser *asinus* assim.

O patusco repete ahi bernardices de Labieno e brada muito ancho: "pode haver sciencias não verdadeiras? Sciencias que não o sejam de todo? Pode haver falsas sciencias?".

Deus te perdôe e abra-te essa cachola para perceberes com o teu inspirador o significado das palavras da lingua que assassinas sem a minima piedade.

Propriamente ditas, ou *verdadeiras* sciencias, meu pulha, é no sentido de *genuinas.* E' como se tivesse dito:—*genuinas* sciencias, sciencias *dignas deste nome,* sciencias *feitas, constituidas, organisadas,*—sem mais receio de quéda, podendo apenas admittir o progresso em geral e a mudança duma ou doutra theoria, dum ou doutro ponto de vista.

Entendes, meu caloiro? E' o caso da mathematica, por exemplo.

Nunca ouviste dizer: E' um verdadeiro *fidalgo?* E' um verdadeiro *gentleman?*

Que quer isto significar?

E' como se se dissesse: é um fidalgo que bem merece este qualificativo.

Envergonha-te, rapaz!

Quasi-sciencias... esta expressão é para as sciencias não completas ainda, não plenamente constituidas e organisadas, ainda cheias de falhas notaveis, chegando até a ver, por illustres espiritos, contestado o seu titulo de sciencias.

E' o caso, entre outras, da sociologia, cujo caracter de sciencia Hœckel sempre negou e Lapouje tambem, não falando em tantos outros, entre os quaes se contam o nosso Tobias Barretto e o nosso Farias Britto.

A expressão de *quasi-sciencias*—tomei-a eu da linguagem juridica: *quasi contractos, quasi delictos.*

Percebes?

Sei que passaste pela Faculdade Livre de Direito e frequentaste até alli a minha aula. Hoje, digo mal, logo depois, em 1900, já pretendias dar-me lições e publicavas contra teu mestre um monstruoso libello!

Coisas do Brasil...

Falsas-sciencias... é evidentemente, como se tivesse escripto: *pretensas, pretendidas, suppostas, inculcadas* sciencias.

Este falar é legitimo: não quer dizer que a uma cousa, que é sciencia de facto, se possa dar o nome de falsa sciencia e sim que a uma coisa, que não é sciencia,—e quer arrogar-se esse titulo, se lhe dá o qualificativo, que merece, de *falsa* e *pretendida* sciencia. Entendes, meu chucro e brabo pulador?

Ora, se tens alguns resquicios de bom senso, repara a que se reduz a tua ultra-estupidissima censura, dada por contradicção.

Mas não me basta essa refutação.

Classificação das sciencias, tenho-a eu e está para ler-se em *Outros Estudos de Litteratura Contemporanea* e no *Ensaio de Philosophia do Direito*.

Neste livro, na 2.ª edição, por já se me andar rosnando essa cincada de Labieno, repetida, sem o mais leve criterio, por Lomelino Freitas, já eu declaro que a tal divisão que fizera das sciencias, quanto ao gráu da sua constituição intrinseca, nunca teve por alvo dar-se por uma classificação

organica das sciencias, como alguns criticos malevolos andavam espalhando.

"Uma vez, digo alli, uma vez dividimos, *humoristicamente,* as sciencias, quanto ao gráu de sua certeza, em *genuinas sciencias, quasi-sciencias, pretendidas sciencias.* Divisão esta *que jamais teve a nossos olhos a pretenção de ser considerada uma classificação organica das sciencias,* como alguns phantasistas chegaram a suppôr". (*Ensaio de Philosophía do Direito,* 2.ª edição, 1908, pag. 94).

Nesta passagem, para abrir os olhos aos criticos atabalhoados, como o decadente Labieno e o nullo Lomelino, já indico o sentido das expressões = *verdadeiras* = *genuínas, falsas* = *pretendídas.*

A obrigação do critiqueiro era verificar se, em publicações posteriores á *Historia da Litteratura* (1888), eu havia ou não esclarecido esse e outros pontos.

Vejo que não. Repete-o tal qual, como se o proprio auctor da supposta classificação não hou-

vesse explicado o valor dos termos e o significado humoristico da passagem.

E é com sujeitos desta laia, que além de acanhadissimos de intelligencia e de horrendamente ignorantes, são despidos de toda a honestidade literaria, que tem a gente de avir-se na actualidade...

III

D—"Dizer que o romantismo havia introduzido nas lettras e artes o principio da *relatividade* e o que me approuve chamar regimen da *historicidade*".

Neste ponto o trapalhão revela-se abaixo de analphabeto, se é possivel.

Primeiramente, salta aos olhos de toda a gente que essa caracteristica que tracei do romantismo, boa ou má, pode ser tudo neste mundo, menos uma contradicção.

Ainda uma vez, contradicção com que?

Ora, já se viu tanta inconsciencia?

Pode ser errada, incompleta, falsa, tudo o que ao critico, sem a minima competencia, approuver, nunca, nunca, porém, uma contradicção.

Neste ponto escreve elle tantas sandices que não ha ninguem que o logre comprehender.

Só talvez no reino dos cretinos encontrará os que, na altura de seu pensamento, o entendam...

Deblatera, pinoteia e chega ao ponto de dizer: "Considerar o romantismo como o introductor do *principio da relatividade* nas producções mentaes, é dar-lhe amplitude que elle não póde ter, porque seria tiral-o de ser um *genero* (!!!!), uma escola literaria, para eleval-o á *altura de um systema philosophico* (!!!)"

Isto quanto á *relatividade;* quanto á *historicidade,* aqui vae:

"Mas, quaes foram os antecedentes do romantismo? Antes de seu apparecimento não havia o regimen da *historicidade?*". Então?!

Estas passagens para quem conhece a historia da litteratura, da critica, do direito, da philosophia, no seculo XIX, são um horrivel testemunho de pobreza mental.

Quanta confusão e quanta ignorancia!

Este ponto é cousa que não dou a Lomelino a confiança de discutir com elle.

Só o faria com um Ruy Barbosa, um Clovis Bevilaqua, um Arthur Orlando, um João Ribeiro,

um Almachio Diniz, um Carlos de Laet, e rarissimos outros no Brasil.

Vamos por partes. Comecemos pelo que se refere ao principio da relatividade.

Quando eu disse que a reacção romantica havia introduzido nas criações literarias e artisticas o principio da relatividade, reconhecido, definido, proclamado na Logica e na Philosophia, que quiz dizer?

Puramente, simplesmente, que essa reacção, abandonando em estho-litteratura a velha metaphysica, a velha rhetorica dos classicos, que proclamava — o *bello absoluto,* tinha, por assim dizer, descentralisado, nacionalisado e até individualisado a nova intuição, o novo credo litterario: o criterio deixava de ser *absoluto* e passava a ser *relativo.*

Não era isto mais do que me pôr de accôrdo com o meu mestre, o grande Taine, quando, numa de suas lições da Escola Normal Superior, em Pariz, proclamava esta verdade theorica: *"O bello é tambem relativo".*

Mas bem antes do grande critico declaral-o

na theoria, já a pratica dos romanticos o realisava com Schlegel, Chateaubriand, Byron, Shelley, Th. Moore, Tieck, Novalis, Lamartine, Victor Hugo, Vigny, Musset, Spronceda, Garrett, Herculano, Manzoni, etc., etc.

Seria preciso para isto transformar o romantismo numa philosophia, no sentido technico deste vocabulo?

E' o caso de gritar:—*Olá da policia!*... prendam esse maluco, esse Lomelino que está atirando pedras em quem passa...

Eu bem sei o que mais desnorteou o espiritosinho reles de Lomelino e o levou, naquelle seu estylo bolorento de molambo sujo, á serie de tolices em tudo que escreveu do romantismo: foi a expressão *producções mentaes*... não advertindo que num livro de historia *litteraria,* tratando-se duma doutrina ou systema *litterario,* como é o romantismo,—as producções *mentaes* de que se fallava não podiam sêr senão as de ordem *litteraria.*

Não é só: o começo e o final da phrase estavam alli para, ainda ao mais imbecil, mostrar

de que especie de producções *mentaes* se tratava:

"O romantismo foi uma mudança de methodo na LITTERATURA; foi a introducção do principio da relatividade nas producções mentaes; foi o constante appello para o regimen da historicidade na evolução da vida POETICA e ARTISTICA".

Querem mais claro? Mais esmagadoramente provada a estupidez desse parvo?

Mas não é só ainda: se não possuindo, como evidentemente não possúe, talento nenhum, possuisse, em gráo minimo que fosse, probidade litteraria, elle teria cotejado a passagem que citou da 1.ª edição da *Historia da Litteratura,* e se acha logo no 1.º cap. do 2.º volume,—com a passagem co-relata da 2.ª edição e teria notado que o auctor, prevenindo a estolidez de todos os Lomelinos do presente e do futuro, substituiu o qualificativo *mentaes* por *litterarias.*

Vou trasladar o periodo, com a troca referida, e quero mostral-o entre os que o precedem e os que o seguem, para o leitor notar o claro sentido da caracteristica que tracei do roman-

tismo, uma das cousas melhores e de que mais me posso desvanecer de quanto fiz em critica litteraria.

Depois de apreciar as principaes explicações tentadas pelos criticos acerca do romantismo, a saber, a doutrina *emanuelica* de ser aquelle systema uma reacção religiosa contra a philosophia materialista do seculo XVIII, a da reacção contra as ideias de Renascimento e *volta á idade media;* a da *duvida* e *scepticismo;* a do *sentimentalismo* e melancholia; a do *principio da phantasia* e predominio da imaginação; a da *historia natural das almas;* a do *dominio do liberalismo* na arte; a doutrina de Frederico Schlegel, aconselhando aos romanticos *ensinamentos da sciencia,* da philosophia e da critica, luctando pela liberdade politica, religiosa e social; a doutrina de Grimm—da *volta ás criações populares;* a de Zola que caracterisou o romantismo como tendo tido a *funcção de preparar as linguas* para as novas doutrinas que o deviam substituir, depois de refutar, uma a uma essas theorias, passo a dar o meu modo de vêr nestas palavras:

"Que foi então o romantismo?

Tentarei explical-o. A differença existente entre a litteratura do seculo XIX e a litteratura dos outros tempos, é a mesma que existe entre a sciencia e a philosophia do seculo XIX e a sciencia e a philosophia dos outros tempos.

A evolução intellectual obedece á lei do *consensus* em todas as suas faces.

Philosophia nova, litteratura nova.

Ora, a philosophia dos outros seculos estava no absoluto e a nossa está no relativo; a antiga era *a priori* e a nossa é *a posteriori*.

Aquella tinha um direito universal, uma grammatica universal, uma arte universal, um modelo universal para tudo; esta ensina ser o direito uma funcção da vida nacional, a lingua uma formação nacional, a poesia uma ideialisação nacional. Ha tantos direitos, grammaticas e artes originaes quantas são as raças que dividem a humanidade.

A poesia classica tinha ideias, linguagem, forma predeterminadas; a poesia nova quebrou o molde antigo e vasou-se em tantos moldes

novos, quantos povos e até quantos individuos de genio poetaram.

O romantismo foi, pois, uma mudança de methodo na litteratura; *foi a introducção do principio da relatividade nas producções litterarias; foi o constante appello para o regimen da historicidade na evolução da vida poetica e artística.*

Dahi a liberdade, a generalidade de suas criações; elle descentralisou as lettras: nacionalisou-as nuns pontos, provincialisou-as noutros, individualisou-as quasi por toda a parte.

Neste largo sentido o romantismo é a litteratura do presente e pode-se dizer que será a do futuro, não passando os systemas de hoje (naquelle sentido) de resultados necessarios seus.

Foi a reforma nas sciencias do espirito, a reforma dos methodos historicos, que influiu immediatamente na litteratura.

Os seus iniciadores partiram da analyse dos factos, da relatividade das cousas;—sahiram do absoluto e procederam por via de inducção.

Lessing reformou a critica litteraria; Winckel-

mann, a critica artistica; Kant, a critica do conhecimento; Herder, a critica historica; Wolf, Heyne, Hermann, Lobeck, Kreuzer, a critica mythologica; Gœthe e Schiller surgiram e a poesia nova estava criada.

Movimento analogo dava-se na Inglaterra, inspirado pela philosophia de Hume.

A historia litteraria, como se escreve no Brasil e Portugal, faz partir a nova litteratura de Voltaire, Montesquieu e nomeadamente Rousseau.

E' esquecer que o melhor das ideias de Voltaire, Montesquieu e Rousseau, em quem todos falam e ninguem lê, é proveniente da Inglaterra, habitada e estudada por elles". *(H. da Litt. Brasil.*—II, pags. 6 e 7, 2.ª edição) (4).

Uma doutrina deste jaez, assim claramente exposta, merecia as safadas chicanas dum fedelho sem cultura e sem talento?

O caso de que me approuve chamar o regimen ou principio da *historicidade* é ainda mais

(4) Tenho aqui presentes as duas edições deste livro. Cito, ora uma, ora outra, ao acaso da mão.

asnaticamente desfigurado pelo *magister asinorum* do que o da *relatividade.*

Foi um laço que, sem o querer, armei ao pobre diabo. Elle, coitado! confunde inqualificavelmente o facto nú do surgimento de uma doutrina litteraria ou de uma instituição politica ou social, por exemplo, com a explicação dessa doutrina ou dessa instituição por factores historicos, como o meio social, a raça, os costumes, as tradições, o genio popular, etc.

Vem cá, desengonçado rapaz, perfilla-te e ouve:

Que quiz dizer Savigny quando doutrinou que a formação do direito era *uma funcção da vida nacional,* explicavel, portanto, pelos *méros factores historicos,* empreza que lhe valeu o titulo de chefe da *escola historica* em Direito?

"Elle errou, sim, sr.; é como se tivesse dito que antes delle não havia no direito o regimen da historicidade".

Não sejas asneirão, rapaz; pede ahi a algum principiante de direito que te dê meia duzia de puchões de orelhas para te corrigires.

Savigny o que fez foi abandonar a velha metaphysica do direito *eterno, absoluto, necessario, natural, igual* para todos os povos e epocas, e explicar os phenomenos juridicos, appellando para as genuinas forças historicas.

A isto foi que denominei regimen ou principio da historicidade.

E não foi só na *Historia da Litteratura,* que expuz esta ordem de ideias.

O meu desaproveitado ex-discipulo na Faculdade Livre de Direito, tão desaproveitado alli, talvez, quanto o fôra na Escola Militar, póde no *Ensaio de Philosophia do Direito,* estudando, durante duas semanas, o capitulo—*A actividade humana e o direito. Bases psychologicas e sociaes do direito. Apreciação da doutrina do direito-força*—vêr se logra perceber o que é que se pode chamar *regimen,* ou melhor, *principio da historicidade.*

Vamos adiante.

IV

E—"Haver dito que por volta dos annos de 1862-63 se nota um certo marasmo na poesia brasileira, tendo ANTES elogiado poetas daquelle periodo".

Neste ponto mostrarei que os poetas por mim elogiados não são do periodo de 1866-63. Mas é urgente pegar o rapazola em flagrante delicto de improbidade literaria: na pag. 62 (nova edição) escreve: "Que esplendorosa pagina de psychologia de quem a traçou! Cotejemol-a com opiniões suas, já ANTERIORMENTE manifestadas, sobre os poetas lyricos daquella mesma epoca —1862".

Na pag. 100, quando passa a recapitular as famosas contradicções, diz: "Affirma que a poesia em 1862 era uma cousa pulha, banal, andrajosa, de metter susto, LOGO DEPOIS affirma que os poetas de 1862 escreviam poesias singelas, docemente lyricas, deliciosas de forma, etc.".

Então os elogios aos poetas de 1862 foram feitos ANTES ou DEPOIS do trecho em que eu disse andar decadente entre nós naquelle tempo a poesia?

A cousa é séria; não é indifferente; muda muito de aspecto se foi antes ou depois.

Vê-se bem que a improbidade litteraria desse sandeu corre parelhas com a sua inqualificavel estupidez e o seu estylo de molambo sujo.

E são esses odres de odio, má fé e má vontade que me veem falar em contradicções!...

Mas desfaça-se o arreganho do jogral.

Os poetas que dá estupidamente como de 1862-63, e elogiados por mim são: Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, José Bonifacio e Laurindo Rabello.

Ora, louvado seja Deus!

Descer, descer, descer a debater cousas de litteratura brasileira com um dos mais nitidos exemplares existentes da incapacidade humana! E' demais; é descer demasiado.

E' um sacrificio; mas vá lá.

Daquelles quatro poetas—um, Léssa, já avelhantado inutilisado tinha morrido em 1861; outro, Laurindo, que ainda conheci no Rio de Janeiro em 1863, cardiaco, perdido, não produzia mais nada; estava *enchendo alturas,* como elle mesmo dizia, e falleceu em 1864.

Estão, pois, fora de questão.

Aprende, demonio. Restam os outros dois; mas Bernardo, na poesia, fulgiu de 1846 a 1855-56. O resto da vida, reduzido a bohemio, atirou-se ao romance e as poucas poesias que produziu revelam enorme decadencia.

Aprende, demonio.

Pelo que toca a José Bonifacio, o seu grupo litterario foi o mesmo de Alvares de Azevedo, Léssa e Bernardo em São Paulo—de 1846-47—a 1851-52. Seu livro *Rosas e Goivos* é de 1849.

Depois desse tempo foi empolgado pela politica, sendo deputado, senador, ministro de Estado, chefe de partido. Não escrevia poesias, nas quaes, aliás, sobresahia mais o tom oratorio do que o sentimento poetico, senão de longe em longe. Era, fundamentalmente, um orador.

Não desmente a descida da curva evolucional de nosso lyrismo. Esta estava baixa em 1820 a 35-6; levantou-se dahi, com Magalhães, G. Dias, Azevedo, Léssa, Bernardo, Junqueira, Casimiro e outros até 1855-56; desceu dahi até 1862-63; levantou-se depois e continúa alta ainda com Murat, Mucio, Bilac, Alberto de Oliveira, não esquecendo os fallecidos Th. Dias e Raymundo Correia, e alguns moços recentes de grande talento.

Aprende, demonio.

Anda, enumera os principaes poetas brasileiros de 1830 a 1835 e nota o que eram em 62: Magalhães, *mudo;* Porto-Alegre, *mudo;* Bernardo, *mudo;* G. Dias, *mudo e a morrer;* Laurindo, *mudo e a morrer;* Léssa, *morto;* Azevedo, *morto;* Casimiro, *morto;* Junqueira, *morto;* Teixeira de Mello, *mudo;* José Bonifacio, *mudo;* Machado de Assis, *ia começar;* Guimarães Junior, *ia começar;* Varella, *ia começar;* Tobias, *ia começar;* Castro Alves, *ia começar.*

Os cinco poetas ultimos em 1862 iniciavam

apenas os primeiros passos e pertencem ao periodo seguinte.

Aprende, demonio.

Esses são os poetas *maiores* de nosso romantismo.

Sabes o que isto quer dizer?

Os que a tua ignorancia enfileirou á pag. 64 de teu livreco (2.ª edição), a saber, Calasans, B. Sampaio, Gomes de Sousa, Elzeario Pinto, F. Doria, Trajano Galvão, Gentil Homem, Bruno Seabra, J. Galeno, Pedro Luiz, Luiz Gama e Rosendo Muniz, são os poetas *menores*.

Sabes o que isto quer dizer?

Estás tão phenomenalmente asinificado, que tens o descôco de collocar chronologicamente Varella, grande poeta, cujo desenvolvimento corre na phase seguinte, de 62 a 75, no tempo desses poetas menores, com os quaes tem apenas longinqua ligação logica!...

Aprende, demonio, e envergonha-te; toma juizo. E's tão inconsciente que pensas poder dis-

cutir litteratura com os mestres dos teus mestres...

Sae-te dahi. Recolhe-te ao campo da villa.

Tens antiga empreitada do *mano*... para atacar-me; mas terás o trôco.

Em 1862-63, Magalhães vivia, mas decadente, mettido na diplomacia. Tendo-se dado a estudos philosophicos, em 1858 publicou os *Factos do Espirito Humano;* em poesia produziu ainda no mesmo anno—*Mysterios e Canticos Funebres;* mas a decadencia era visivel: o poeta sobrevivera ao seu talento.

Porto-Alegre vivia; mas no corpo consular na Europa, velho e alquebrado. Tinha dado a lume, havia muitos annos, suas melhores poesias lyricas; trabalhava no *Colombo,* poema que não desmente o que affirmei.

Porto-Alegre era um reduce da phase anterior; mas sobrevivia tambem ao seu talento.

Azevedo estava morto desde dez annos antes e foi seguido de perto por Junqueira, Léssa e Casimiro.

G. Dias já tinha desde 1850 quebrado a lyra. Seus *Primeiros Cantos* são de 1846; os *Segundos Cantos* são de 1849; os *Ultimos Cantos* de 1852. Depois nada mais produziu em poesia. Em 1862 estava mudo e falleceu pouco depois.

Bernardo o que fez de melhor no genero appareceu em 1852 sob o titulo de *Cantos da Solidão.* O que escreveu depois foi, em poesia, de genero muito inferior.

Teixeira de Mello vivia em 1862; mas caladissimo, a principio na medicina e depois no funccionalismo publico. Entregou-se aos estudos historicos. Seu bello livro das *Sombras e Sonhos* é de 1858, contendo as poesias escriptas entre 1852 e 1857.

Muitos annos mais tarde deu, já noutra phase de nosso romantismo, os *Myosotis;* mas a decadencia é palmar.

Laurindo publicou suas *Trovas* em 1856; e depois nada mais deu á luz. Viveu desgostoso e calado os derradeiros annos e finou-se, como já disse, no mesmo anno de G. Dias, 1864, quando

os astros de Varella, Luiz Guimarães, Tobias Barreto, Castro Alves, V. Palhares se alevantavam no horisonte.

José Bonifacio nunca foi um batalhador das lettras. Em 1862-63 estava de todo entregue á politica. Exactamente o caso de F. Octaviano. Ambos elles pouco escreveram e a longos intervallos.

Mas não é só: em historia litteraria não é a morte material do poeta, do romancista, do escriptor em geral, que determina a maior ou menor pujança das phases litterarias.

Um poeta pode estar vivo e a evolução o ter ultrapassado; o poeta assiste á morte de seu systema, de sua escola.

E' o caso de Magalhães.

Pode-se dar tambem o inverso: desapparecer o poeta e seu systema prolongar ainda por annos a existencia. E' o caso de A. de Azevedo: morto em 1852, seu systema perdurou até 1862; mas neste ultimo anno, já em plena decadencia.

Aprende, demonio, e esconde-te; recolhe-te por trint'annos e volta depois.

F—"Dizer que a sociologia é uma sciencia, tendo, antes, dito não estar ella de todo organisada e não poder ser tratada pelos processos e methodos da mathematica, e sim pelos das sciencias naturaes".

Oh! senhores do governo, sr. presidente da republica, sr. ministro do interior, demittam esse capadocio do logar que exerce no Collegio Militar, *a bem do serviço publico.*

Que vergonha! que lastima! que desgraça! Este bacharel e professor do ensino secundario achar que ha contradicção em dizer que a sociologia é uma SCIENCIA, mas que não está plenamente constituida nem pode ser tratada pelo METHODO DA MATHEMATICA, isto é, acha que ha contradicção num facto real, positivo, certo, esclarecido, determinado por todos os escriptores do mundo que se occuparam de sociologia e de logica...

Como se não seja assim mesmo; como se

esta não seja a verdade, a realidade innegavel; como se não seja a sociologia, por um lado, uma sciencia novissima em via de formação, e não seja, por outro lado, uma sciencia concreta no mesmo gráo que a biologia e o methodo de ambas não seja exactamente o methodo das sciencias naturaes!... Como se até hoje não seja apenas pequena parte da astronomia e da physica, o unico dominio da sciencia, alem da mathematica, em que o methodo desta, isto é, o exclusivo emprego da deducção, é possivel!!

Que miseria! Tem-se pêjo de refutar trapentos disparates deste jaez...

Ahi só demissão,—*a bem do serviço publico.*

Em que mãos o *mano* fez cahir o ensino nacional!...

Neste ponto é ainda indispensavel pôr diante do leitor a torpe falsificação que o traste faz de minhas affirmativas.

A' pag. 68, da nova edição, cita o meu trecho assim: "A sociologia *não é* AINDA *uma sciencia no* RIGOROSISSIMO SIGNIFICADO DO TERMO, e ainda

que venha muito a progredir, não poderá jamais ser tratada mathematicamente. Poderá apenas approximar-se do methodo das sciencias natutaes".

Na pag. 100 escreve: "Admitte, com Spencer, a sociologia como sciencia, tendo antes dito que a sociologia NÃO ERA uma sciencia..."

Engole perfidamente o adverbio AINDA, e todo o membro da phrase—NO RIGOROSISSIMO SIGNIFICADO DO TERMO.

Que feio proceder! Que falta de probidade! Misericordia, Senhor Deus, misericordia!

Não refere o titulo do livro, nem a pagina donde tirou o meu trecho acima citado.

Depois de muito trabalho, porque não posso ter de cór tudo que tenho escripto, encontrei-o na *H. da Litteratura*—I, pag. 618, 1.ª edição.

Foi escripto em 1885, epoca em que ainda a sociologia não tinha o enormissimo desenvolvimento que veio a ter dez annos mais tarde, quando escrevi o segundo dos meus trechos desfigurados pelo monstro.

Anda, pois, mal avisado o trapalhão em cotejar aquelle mais antigo trecho com o outro tirado dos *Ensaios de Philosophia do Direito,* de 1895, dez annos posterior. Mas, mesmo como estão redigidos, não existe contradicção entre a passagem da *Hist. da Litt.* e a outra citada pela azemola: "Para haver sciencia é sufficiente a delimitação dos assumptos, a possibilidade de applicar-lhes o methodo, a systematisação geral, a inducção das leis fundamentaes, a previsão mais ou menos segura em varios casos, a verificação na maioria das hypotheses. Dest'arte a sociologia é uma sciencia. O mais é exaggero".

Vê-se que ainda ahi não considero a sociologia organisada—NO RIGOROSISSIMO SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO, como se vê no trecho anterior.

Onde a contradicção?

Mas no terreno das sandices temos cousa melhor.

G—"Acha ser contradicção dizer que a logica é sciencia e arte; e affirmar, alem disto, que é arte da *descoberta* e da *prova*".

Lêram?

Merece, ou não, demissão *a bem do ensino publico* um palhaço que não se pêja de escrever sandices dessas?!...

E haver jornaes que elogiam os livrecos do zebroide!...

Que decadencia!

Foram as duas maiores cincadas pronunciadas nas tres Americas nos ultimos duzentos annos.

Com effeito, achar contradicção em chamar a logica *sciencia* e *arte!*... Achar contradicção em consideral-a arte e sciencia da *descoberta* e da *prova* das verdades!...

Neste caso é indispensavel citar os dois trechos letra por letra do tonto mendigo da critica: "Admitte ainda com Spencer a logica como sciencia, a tendo antes considerado uma arte". (Pag. 100 da 2.ª edição, pag. 106 da 1.ª edição).

Gentes?! Pois o *stipes* não pensa que foi Spencer que ensinou ser a logica uma sciencia!...

E não pensa que uma disciplina não pode ser *sciencia* e tambem *arte!*...

Pede ahi ao mais reles dos cascabulhos para te explicar esse duplo caracter da logica, da grammatica, da medicina, da engenharia, etc., etc.

Cobre-te de vergonha, inqualificavel mendigo de talento, de ideias, de saber; não te dês a espectaculo risivel.

Não sabes as gargalhadas que tenho ouvido á tua custa, quando refiro este teu estupendo disparate.

Vamos ao outro ponto:

"A logica, diz o critico sergipano (é commigo) tem dois aspectos: é a *arte da prova e a arte da descoberta*... Inquestionavelmente o nosso critico tem sempre *dois pesos e duas medidas*". (Pag. 71 da 2.ª edição; pag. 75 da 1.ª).

Sobre estas monstruosas cincadas já em 1901, em artigo consagrado a Samuel de Oliveira, escrevêra eu:

"Sabe-se geralmente, ninguem ignora no

mundo, menos certo trapalhão recente, que a *Logica* se divide em *real* e *formal, inductiva* e *deductiva, theorica* e *pratica;* sabe-se geralmente, ninguem ignora no mundo, menos certo trapalhão recente, que, *ad instar* da grammatica, da medicina, da engenharia, da politica, essa disciplina é considerada SCIENCIA, quando se atem á investigação das leis geraes que regem o espirito humano, á indole dos methodos, aos seus principios fundamentaes, ao criterio do conhecimento, objectivo e subjectivo, etc., e como ARTE, quando é tomada sob o aspecto pratico da applicação de tudo isso aos casos concretos.

Isto desde os gregos, passando pela edade-media, os tempos modernos, até aos nossos dias.

E' uma cousa vulgar, um *logar commum,* universalmente conhecido, referido em todos os tons, em toda a parte, em todas as linguas; é o *abc* nestes assumptos, o *abc* que não é licito desconhecer, sem revelar que não se passa de um pobre inconsciente, um inqualificavel ignorante.

Não é tudo: é universalmente sabido que Stuart Mill, tendo feito admiravel critica dos methodos *inductivo* e *deductivo,* e mostrado as suas mutuas relações, considerou um delles como mais adequado á DESCOBERTA de verdades e o outro como mais proprio para a PROVA OU DEMONSTRAÇÃO de verdades já adquiridas.

E' tambem isto hoje em dia um desses factos de vulgar noticia, repetidos, repisados por toda a gente nas cinco partes do mundo.

Para o conhecer nem é preciso ler o famoso *Systema de Logica* do celebre philosopho e economista inglez; bastante é lançar as vistas sobre o titulo da obra: *Systema de Logica Deductiva e Inductiva, Exposição dos princípios da* PROVA *e dos methodos da* INVESTIGAÇÃO *scientifica.*

Este caracter da Logica, de ser applicavel á *descoberta* e á *prova* ou *demonstração,* tem sido adoptado por todos os espiritos mais progressivos e só não é acceito pelos raros retrogrados, sectarios da pura logica FORMAL.

A palavra INVESTIGAÇÃO é synonyma de DESCOBERTA e o termo PROVA synonimo de REDUCÇÃO Á EVIDENCIA.

Alexandre Bain, outro grande mestre nestas materias, em seu tratado, falando dos dois aspectos da Logica, segundo Stuart Mill, acceita a theoria deste e escreve:

Na presente obra a Logica é considerada:

1.º como sciencia abstracta e THEORICA;

2.º como sciencia pratica da PROVA ou da EVIDENCIA;

3.º como um systema de methodos auxiliares proprios a secundar a INVESTIGAÇÃO da verdade comtanto, que esses processos sejam geraes, applicaveis, como taes, a toda scieneia, comtanto que não sejam mesclados a particularidades technicas proprias a cada sciencia". (1.º vol. pag. 51).

Mais: "Em uma *nota final* do appendice reuniremos todos os usos do methodo logico como ARTE DA DESCOBERTA". (1.º vol., pag. 52).

E effectivamente no excellente livro de Bain,

no 2.º vol., pag. 613, encontra-se, sob a letra *H,* o appendice intitulado—*Arte da descoberta,* cuja primeira parte se denomina—*Distincção entre a* PROVA *e a* DESCOBERTA.

Ora bem; tudo isto é claro e conhecidissimo como a luz solar; não é nenhuma *contradicção,* pois, dizer, como se diz por toda a parte e a toda hora, que a Logica é *arte* e *sciencia;* igualmente não é nenhuma *contradicção* affirmar poder ser ella considerada, ora como *sciencia e arte da prova,* ora como *sciencia e arte da descoberta*... E' claro, é evidente.

Entretanto, anda ahi um livro, cujo fim ostensivo foi perfida e estupidamente analysar as *pretensas* contradicções de certo auctor, e entre ellas figuram como das mais notaveis o considerar este auctor a Logica, ora como *sciencia* e ora como *arte!!*...

Eis aqui: Admitte *ainda,* com Spencer, a logica, ora como *sciencia,* tendo-a considerado uma *arte".* E' de pasmar; é pyramidal!...

Não acreditei, quando li esta horrorosa parvoiçada, suppuz-me victima de alguma alluci-

nação e dei a passagem a lêr á pessôa que se achava a meu lado para verificar se realmente aquillo estava escripto.

E estava, na pag. 106, bem como a outra formidavel *contradicção* estava, na pag. 75, nestas incriveis palavras:

"A logica, diz o critico sergipano, tem dois aspectos: é a arte da *prova* e a arte da *descoberta*... Inquestionavelmente o nosso critico *tem sempre* DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS".

Isto não se commenta. E' unico em seu genero. Não ha exemplo de cincadas iguaes no mundo inteiro". *(Outros Estudos de Litteratura Contemporanea,* pag. 165 a 168).

Não se commenta mesmo. Quem taes barbaridades escreve, só expulso do magisterio a bem do serviço publico.

O interessante é que em 1900 o livreco—*Sylvio Roméro, pagina de critica impressionista*—(chama um *livro* de *pagina*) passou de todo despercebido e o mesmo acontecêra com o outro livreco—*Um critico e um poeta,* em 1903.

Hoje, entretanto, reunidos os dois fétos em *Os Proceres da Critica,* acharam quem elogiasse esses dois acervos de sandices. Mas, por cima das palavras insinceras da camaradagem benevolente, ouve-se o reboar da pateada universal:

Sêr a logica — siencia —
E sêr — arte —, paspalhão,
Desenrola esta pendencia:
E' contradicção ou não?

V

Nesta altura do livreco o palhaço aproveita a occasião para, atabalhoadamente, sem o menor proposito e por espirito de méra subserviencia, censurar-me a critica de uma pretensa lei sociologica formulada pelo dr. Fausto Cardoso, e dizer mal de minha doutrina das *criações fundamentaes e irreductiveis da humanidade.*

Cousas são essas que nada teem que vêr com contradicções.

Poderá ser exaggerada a critica, aliás tão cortez que o meigo espirito de Clovis Bevilaqua a denominou de *modelo de polemica delicada,* poderá ser exaggerada, mas não é nenhuma contradicção para entrar no rol das minhas famosas e phantasticas contradicções.

O mesmo se dá com a doutrina das criações fundamentaes da humanidade. Poderá ser

erronea, incompleta, o que quizerem; nunca será contradicção.

Não venho discutir este ponto com esse cretino que o que sabe mal do assumpto aprendeu estonteadamente em meus livros.

Assevéra que uma classificação que:

a) não admitte a *disposição hierarchica* das criações ou phenomenos basicos sociaes;

b) que se funda no *principio da contemporaneidade* das ditas criações;

c) e no *principio da irreductibilidade* ou *insubstituição* dos phenomenos entre si;

d) que inclúe em seu quadro as criações *religiosas;*

e) que não contempla as *genesicas* pertencentes, por um lado, á biologia, e por outro, ao direito e moral; assevéra, digo, que uma classificação, nestas condições, é igual a de Greeff, que, nestes cinco pontos capitaes, faz justamente, exactamente o inverso!

E' demais, sandeu! Tira isto dahi; bota-o no fogo.

E quem te disse que a classificação de Greff era anterior á minha, formulada desde 1881?

Arreda! arreda! Esconde-te.

H—"Censurar as deposições dos governadores e presidentes dos Estados, *mandadas fazer pelo Centro, pela União, por Floriano Peixoto,* quando subiu ao poder, em fins de 1891 e principios de 92, e ajudar, bem mais tarde, em 1894, o *movimento popular e partidario* que depoz o presidente, *militar,* major José Calasans".

A curteza de vistas do typo leva-o a achar contradicção entre palavras escriptas em principios de 1892 e um acto de meiados de 1894, como se a distancia de dois annos e meio não fosse digna de ponderação. Não é tudo. Confunde deposições mandadas fazer por quem não tem para isso *direito,* como a União, com deposições feitas pelos partidos locaes, como foi o caso em Sergipe, com a colligação dos elementos do padre Dantas, Ivo do Prado, Manoel Valladão, Apulchro Motta, padre Fonseca, Odorico Barretto, Benilde e Emilio Roméro, Magalhães Carneiro e outros chefes locaes.

A distincção impõe-se por si mesma e só pode ser negada pela mais crassa má fé de bandidos resolutos a esconder a verdade.

Tenho mil vezes explicado esse facto, principalmente no *Prefacio* da 2.ª edição da *Doutrina contra Doutrina* e nas *Zévirissimações íneptas da crítica.* Alli encontram-se os detalhes do acontecimento.

Ainda hoje as duas especies de deposições se repetem, dignas de applausos—umas, de censura—outras. Ainda hoje censuro a deposição do governador da Bahia pelo general Sotero, com o bombardeio da cidade, e applaudo a queda de Accioly, promovida pelo povo de Fortaleza.

Só os Lomelinos Freitas é que pretendem turvar os factos. Para isto não tem vergonha de pregar uma torpe falsidade, quando ousa escrever: *"Não se deu outra deposição em Sergipe,* que servisse á sua habilidade para confundir os factos". (Pag. 73, 2.ª edição).

Mente pela gorja! E a deposição do presidente Vicente Ribeiro, a primeira que se fez em todo o Brasil, logo que Floriano subiu ao poder?!

Só assim; só com deslavadas mentiras é que os Lomelinos se atrevem a atacar-me . . .

Vade retro!

I—"Censurar a entrada dos militares na politica e ajudar a pôr no governo de Sergipe, em 1894, o então coronel Oliveira Valladão".

Neste ponto reclamo toda a attenção do leitor; porque o caso se torna gravissimo pela pouca vergonha do criticastro.

O gajo, para illudir, trunca trechos meus, tirando-os de seu meio natural e de entre seus antecedentes e consequentes.

Desta vez, sempre sem citar nem a obra, nem as paginas, com o fim de difficultar a verificação, foi ainda ao meu livro *Doutrina contra Doutrina* e d'entre o grande arrazoado com que alli justifico a entrada de nosso exercito, *nas grandes occasiões,* na arena politica, colhe exactamente um trecho em que combato a interferencia de militares na politica, *activa, quotidiana, como meio de vida, como carreira.*

Minha these é, foi e será sempre esta: *collectivamente,* como côrpo organisado, o exercito não deve se metter na politica activa de todos os dias; cabe-lhe, porém, o direito e o dever de intervir nas *grandes e opportunas occasiões, em que se tratar da* SALUS POPULI; *individualmente,* este ou aquelle militar póde aspirar posição politica a livre chamado de seus concidadãos, assim nos ministerios, a juizo do presidente da Republica; e na Camara, no Senado, na governança dos Estados, sendo espontaneamente eleito.

Abra agora o leitor commigo a *Doutrina contra Doutrina* e veja estas passagens:

"Dos publicistas deste paiz somos justamente do numero daquelles que reconhecem os grandes *serviços politicos* prestados por nossa classe militar. Temol-o proclamado muitas vezes..." (Pag. L. XII, 2.ª edição).

Eis ahi a these geral.

Se reconheço e enalteço os serviços do exercito, é que lhe reconheço o direito de intervir, *nas grandes occasiões,* na politica. E' isto evi-

dentemente. O que ha é que se deve distinguir entre a *grande politica das crises nacionaes* e a pequena politica partidaria, a politica activa de todos os dias.

O que ha, ainda, é que se deve distinguir o exercito, como *classe* e como *todo,* deste ou daquelle militar, que, pelas circumstancias, entre na politica.

Porque Herval e Caixias foram senadores e ministros de Estado—não nos veio mal algum e nem dahi se originou o *militarismo.*

Lá está no livro o meu pensamento: "Não somos sectarios da intervenção da *força armada* (como todo e classe) nos *negocios* (ordinarios) da politica. No Brasil, porém, onde o *exercito* TEM SEMPRE SIDO *o principal factor de nossas conquistas democraticas;* no Brasil, onde o exercito no advento da republica foi o agente decisivo, É PRECISO ABRIR UMA EXCEPÇÃO.

Ha, além de tudo, o meio honesto, intelligente e elevado de levar ao animo do *exercito* (como classe) a convicção de dever elle afas-

tar-se da politica ACTIVA (ordinaria). A discussão doutrinataria é só por si sufficiente para conquistar a adhesão de nossos bravos soldados a esse ideial". (Pag. L. XIII).

E como era possivel o apparecimento dos Lomelinos a não entenderem cousa tão simples, isto é, a entrada da classe militar na politica, nas *crises nacionaes* e a não coparticipação della na politica *partidaria, commum, ordinaria,* sempre tão safada em nosso paiz, já eu então, em 1892, epoca em que escrevi a *Introducção* ao livro *Doutrina contra Doutrina,* dizia, no mesmo logar: "Os principios de sciencia politica que professamos, de um lado, aconselham-nos o afastamento do *exercito* (classe) dos negocios da VIDA PARTIDARIA; a lição de nossa historia, por outro lado, indica-nos *attenção e* PRONUNCIADO RESPEITO *ao elemento militar,* á vista de seus SERVIÇOS CIVICOS.

Esta especie de antinomia demanda uma explicação. E' a seguinte:

Durante a nossa vida de nação independente

por setenta dilatados annos, a força militar tinha apparecido, *por vezes,* na arena politica, a proposito, como que guiada por um ESPIRITO SUPERIOR; praticava o seu feito, ajudava o mundo civil e RETIRAVA-SE TAMBEM A PROPOSITO, como que guiada pelo mesmo *espirito superior.*

E' inutil relembrar os factos, geralmente conhecidos.

Ha algum tempo, porém, em dias da Republica, ella tomou o direito de cidade na politica *e parece não querer mais largar o posto".* (Pag. LXII).

Escrevia eu isto em pleno governo de Floriano, em 1892, *reconhecendo os altos feitos do exercito* em nossa politica e conjurando, porém, o perigo do *militarismo* que, naquelle periodo, era real.

Receiava eu que viéssemos a cahir no pleno dominio da espada, como nas outras republicas sul-americanas.

Enganei-me, felizmente.

O exercito, ainda vez, deu claras e nobres

provas de seu alto criterio e patriotismo: retirou-se, opportunamente, e entregou o mando a Prudente de Moraes, Campos Salles, Rodrigues Alves e Affonso Penna.

A phase actual não é de militarismo; é uma cousa hybrida, mil vezes peior do que o militarismo, uma especie nova: o *pinheirismo castilhoide,* a peior das formas de governo.

Deante de tantos textos, causa nauseas o atrevimento de um reles Lomelino Freitas a querer engasopar o publico.

Mas temos mais. Porque é que se chegou a temer nos annos de 1898 a 94 o *militarismo?*

La vem no livro a explicação.

"Um estudo perfeito, escrevia eu em 1892, da acção do positivismo, em nossa malsinada republica, para ser completo, deveria associar aos feitos desse partido (os positivistas não negam que constituem tambem um partido politico) os feitos do partido militar.

Não ha negar terem sido estes dois grupos

os mais influentes em nossa vida nacional nestes dias da republica.

Ha, porém, uma observação a fazer, um phenomeno que a historia ha-de consignar espantada.

E' a seguinte: qualquer que podesse ser a influencia do *elemento militar* em nossa politica nos dias que correm, essa influencia, esse valor não teria chegado para fazer, entre nós, dos militares um verdadeiro partido preponderante, se ao MILITARISMO, por uma singular aberração, por uma exquisitice de nossa desorientada educação, não se tivesse vindo juntar, em intima alliança, o POSITIVISMO.

E, por outro lado, os positivistas, a despeito de suas pretenções e ousadias, não passariam, não teriam passado de um grupo insignificantissimo, sem a minima preponderancia, se não contassem entre seus adeptos os *moços estudantes e os moços officiaes — ha pouco sahidos da Escola Superior de Guerra.*

Estes é que têm sido, pela sua influencia

armada, os protectores do positivismo; elles, em ultima analyse, e para quem sabe vêr, é que, pelo seu prestigio dirigem a parte geral e mais preponderante do exercito, e com taes recursos, têm dado o tom á politica republicana.

E', portanto, desse consorcio entre *positivismo* e *militarismo,* duas cousas que se espantam de se vêr juntas, que advem o tão afamado prestimo do comtismo em acção.

E esta hybridação extravagante *tem feito mal ao exercito e vae fazendo damno a este paiz".*

Nada mais claro: estava indicada a raiz do perigo do militarismo nos manejos dictatoriaes dos positivistas, naquelle periodo de governo de Floriano, epoca em que estava eu a escrever, no *Jornal do Commercio,* os artigos de reacção que vieram a constituir a—*Doutrina contra Doutrina.*

Mas nessa demonstração, conjurando o perigo do militarismo dictatorial da predica positivista, que o desejava para preparar o advento de sua doutrina, não fui nunca ao ponto de menoscabar dos serviços de nosso exercito, nem de desco-

nhecer o seu direito de intervenção politica, nas grandes crises institucionaes.

Por isto prosegui assim:

"Expliquemo-nos: o exercito não precisava de fazer-se *positivista* em parte para ser grande, forte, patriota, e prestar os *maiores e mais desinteressados serviços* á nossa patria, mesmo nos negocios civis e politicos. Nossa historia está cheia de exemplos frisantes de sua acção *benefica, opportuna, patriotica e sempre bem intencionada.* (Ouve, Lomelino...) Desde os prodomos de nossa independencia, a força armada tem sido poderoso auxiliar em nossas aspirações de liberdade e progresso. Foi ella que, aos 26 de fevereiro de 1821, fez a famosa reunião em que se aventou e decidiu a partida de d. João 6.º para fóra do Brasil; foi ella, a joven força armada, que se levantou para garantir a nova patria livre; quem mais ardentemente pugnou pela emancipação politica do paiz; foi ella quem primeiro comprehendeu a necessidade da dissolução da Constituinte que se tinha tornado facciosa; foi ella, mais tarde, no 7 de abril de 1831, quem

melhor verificou a indispensabilidade da deposição do primeiro imperador; foi ella quem largou as armas quando, nos ultimos annos do captiveiro, mandaram-na pegar escravos fugidos e bater escravos revoltosos; foi ella, finalmente, quem, prestando ouvidos á propaganda do *republicanismo historico,* deu, em 15 de novembro de 1889, o ultimo empurrão ao throno imperial.

Mas note-se a differença: até 15 de novembro de 89 a força armada APPARECIA A PROPOSITO, intervinha em prol do mundo civil e RETIRAVA-SE DA SCENA POLITICA, DANDO AS MAIS INEQUIVOCAS PROVAS DE ABNEGAÇÃO.

Já, porém, depois da proclamação da Republica, seu afastamento dos negocios do Estado, não tem sido prompto, e até hoje (1892) não se realisou. Attribuimos este facto á má orientação *(dictatorial)* positivista.

Esta observação é capital e apta a elucidar muitos factos de nossa historia hodierna". (Pag. L. XXIV e L. XXV).

Que provam estas palavras? Que desconhecemos os serviços do exercito?

Absolutamente não.

Que preguei a sua exclusão completa, perpetua, absoluta da politica? Absolutamente não.

Que lhe neguei o direito de intervenção opportuna? Absolutamente não.

Faz vinte annos exactamente que, em meio aos perigos do militarismo, em plena dictadura de Floriano Peixoto, quando o prestigio de militares e positivistas estava no prestigio, eu, correndo serios riscos, ousava doutrinar a nação no sentido da resistencia, escrevendo os formidaveis artigos que vieram a ser reunidos, pouco depois, ainda em pleno reinado de Floriano, em *Doutrina contra Doutrina.*

E esses escriptos que foram actos publicos que echoaram no paiz inteiro, não deixaram de contribuir para a salutar modificação politica, operada de 1894 em diante.

Que fazia então Lomelino? Depois de haver pinoteado no campo da villa, tinha-se passado ao Aracajú, levado por sua gente, á qual se tinham aberto dias prosperos depois que o *mano,* por crasso engano meu, tinha, por indicação minha

ao *governo provisorio,* sido feito *governador* de Sergipe...

Devia ser um reles vadio, e, hoje, aprendendo mal, porque mal sabe ler, nos meus proprios livros, quer dar-me lições. Coisas da vida!

Mas, quando não mente pela gorja, pinoteia asneirento de metter dó. *Vade retro.*

Em ser logica — sciencia,
E ser arte, paspalhão,
Que massada! que insistencia!
Haverá contradicção?

VI

J—"Ter dito poder considerar Tobias Barreto meu *mestre* e referir mais tarde, narrando certos factos de nossas relações, que aquelle meu patricio, condiscipulo e amigo não havia sido meu *professor*".

Ora, louvado seja Deus! Desgraçado meio em que um escriptor, que se bate ha mais de quarenta annos, é citado a explicar cousas tão simples, tão claras, tão banaes, tão terra á terra. Misericordia!

E não ha ahi quem retire do ensino, a bem do serviço publico, esse sandeu?

Não sei em que escripto, não mais me lembra qual foi esse em que proclamei poder considerar Tobias como meu *mestre,* por muito haver convivido com elle. Mas podia tel-o dito em cem, em duzentos, em quinhentos escriptos, sempre o facto seria o mesmo. Era isto um rasgo de de-

licadeza que, ainda agora, repeteria, se tivesse o prazer de o ver a meu lado.

Em parte por sua idade, maior dôze annos que a minha, e mais pelo seu grande saber, pela sua indefêssa dedicação ao culto das ideias, pelo seu fervor nas lides, pelo seu devotamento á verdade, eu pode-lo-hia chamar *mestre,* porque elle merecia, como todos os nobres e todos os desinteressados guias e chefes intellectuaes da nação, esse titulo.

Isto é muito commum entre gente que se présa.

D'alli, como mais tarde, tivesse sido aquelle inolvidavel amigo nomeado lente da Faculdade de Direito do Recife, onde eu me formara, concluiram os Lomelinos de todos os feitios que eu tinha sido *alumno* das aulas de Tobias Barreto.

Não advertiam os Lomelinos que, quando foi da entrada do meu amigo para o corpo docente daquella Faculdade, já eu, havia nove annos, dalli tinha saido. Eu me tinha diplomado em 1873 e Tobias foi lente em 1882.

Discipulo da aula da Tobias, alumno delle,

não tive, ai de mim! a fortuna de ser. Este favor da sorte coube a João de Souza Bandeira, Graça Aranha, Gumercindo Béssa, Fausto Cardoso, os dois Viveiros de Castro, Urbano Santos, Arthur Lemos, Benedicto Leite, e creio que tambem Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando e Martins Junior, não falando já em muitos outros espiritos distinctissimos, cujos nomes me não occorrem de momento.

Mas, para o apreciar e distinguir, preciso eu de falsear a historia, dando-me como seu alumno no Recife, quando já era lente no Collegio de Pedro 2.º, desde annos antes?

Aprende, demonio, e deixa de vomitar asneiras.

K—"Dizer que Machado de Assis manejava a lingua portugueza, na *prosa,* com variados recursos, e que, a despeito da correcção e do aprumo, vacillava e se repetia, numa especie de tartamudear".

Neste passo, ainda de novo, rogo toda a attenção do leitor.

Primeiramente, o gajo não cita jamais as paginas donde extrahe seus truncados trechos.

Tenho de andar a ler e a reler os meus proprios livros para cotejar as transcripções. Só uma vez falou em *Philosophia no Brasil,* em *Doutrina contra Doutrina,* na *Historia da Litteratura,* mas sempre sem indicar as paginas, tudo de má fé, como já adverti. Depois, junta os truncados textos a outros, distanciados paginas e paginas, formando uma especie de *centão* para embasbacar os toleirões da laia delle.

Neste caso, como em todos os mais, excepto os referentes ao *positivismo, tres estados, classificação das sciencias de Comte* e *os poetas de 1862,* em que vagamente referiu os livros, sem as paginas, não indica nem uma cousa nem outra.

O leitor ha-de ter notado aquella phrase: —*tão aprumada abundancia, quando escreve em* PROSA... ha-de ter notado que ahi falta alguma cousa... ha-de ter pegado o macaco pelo rabo, sem a menor duvida.

A que vem alli aquelle—*em prosa?*

A explicação é facil: o *guigó* de Sergipe des-

figura os meus trechos, citando-os assim: "Elle que maneja nossa lingua com tantos recursos, com tanta *aisance,* com tão aprumada abundancia, quando escreve em PROSA, .. Sente-se que o auctor não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulario e da phrase. Vê-se que elle apalpa e tropeça... gagueja no estylo, na palavra escripta, como fazem outros na palavra falada". (Nos *Proceres da Critica*—2.ª edição de livrecos anteriores. pag. 75).

Desmontemos, eu e tu, caro leitor, a peça para desmascarar as trapaças do simio.

Nas linhas transcriptas está a trasladação safada de tres fragmentos meus, todos tres truncados propositalmente.

As primeiras linhas, desde—*elle que maneja*—até PROSA—são tiradas do estudo sobre Machado de Assis, pag. 24, e estão truncadas.

Venho analysando o poeta no illustre fluminense, e escrevo depois de citar-lhe um trecho: "Não ha vida, força, movimento, colorido, graciosidade, nem desenho e feição espontanea e na-

tural. Sente-se que não é esse o dominio do auctor: ali está deslocado.

Elle que maneja nossa lingua com tantos recursos, com tanta *aisance,* com tão aprumada abundancia, *quando escreve em prosa,* vê-se que tem as azas presas e os pés atados, *quando escreve em verso". (Machado de Assis*—pag. 24; Rio, 1897).

Repare-se nas escamoteações do quadrumano. Felizmente ainda aqui estou para metter-lhe *le fouet de la polemique,* e chamal-o á ordem.

Haverá, talvez, rigor nas palavras transcriptas relativas ao poeta Machado de Assis; mas, em seu meio natural, ellas se comprehendem.

Não assim desfiguradas pelo meu gratuito inimigo, aggravando-lhes o rigor e alterando-lhes o genuino sentido.

Não é só, porem. Depois de copiadas as tres linhas da pag. 24, o desalmado cangaceiro dá uma desparada por barrancos e valles e vae esbarrar na ultima linha da pag. 82, pulando á brincadeira de 58 paginas, colando ás linhas da pag. 34 as seguintes, tambem truncadas:—"Sente-

se que o auctor não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulario e da phrase. Vê-se que elle apalpa e tropéça . . .".

Engole as palavras: "que soffre de uma perturbação qualquer nos orgãos da palavra. Sente-se o esforço, a lucta".

Depois desta escamoteação, reveladora da sua falta de probidade litteraria, dá como minhas as palavras: "Elle gagueja no estylo, na palavra escripta, como fazem outros na palavra falada".

Ora, estas palavras occorrem no meu livro sobre o grande fluminense entre aspas deste modo: "Elle gagueja no estylo, na palavra falada, disse-me uma vez não sei que desabusado num momento de expansão, sem reparar talvez que me dava dest'arte uma verdadeira e admiravel notação critica". *(Machado de Assis*— pag. 83.

Esse chistoso dito, essa pilheria foi de Aluizio de Azevedo. Não lhe citei o nome, por o não intrigar com o illustre romancista, então vivo. Hoje posso fazel-o.

Com que direito o cangaceiro da critica rouba-me todo aquelle final de phrase?

Hoje eu não escreveria do estylista com a severidade de 1897, de quinze annos atraz. Naquelle tempo urgia reagir contra os exaggeros que andavam a fabricar á sua conta os incensadores inconscientes, como está para lêr-se no *Prefacio* do livro, onde alguns desses despropositados exaggeros estão compendiados.

Um livro nunca deve ser estudado e julgado pela critica fóra das condições que lhe determinaram o apparecimento. E' a mais trivial das regras da analyse dos productos intellectuaes.

Como quer que seja, porem, não ha contradicção nenhuma em falar na *aprumada* abundancia, nos *recursos,* na *aisance* da prosa de Machado de Assis e dizer que se lhe sente o *esforço,* a *lucta.*

Sejamos francos e digamos a cousa como ella é, porque isto redunda em glorificação do grande escriptor.

Machado de Assis era *gago;* mas á força de perseverança, de poder de vontade, de energia,

conscientemente empregada nesse sentido, chegou a vencer em grande parte, esse defeito e conseguiu conversar correntemente.

Não chegou a dispôr da palavra para se fazer orador; mas attingiu á *causerie* e com muito espirito.

Não é conhecido o caso famosissimo de Demosthenes, o incomparavel orador atheniense?

E se é isso possivel na palavra falada, muito mais é na palavra escripta, na qual, á força de estudo da lingua e da arte de apurar o estylo, o auctor de *Braz Cubas* chegou a fazer-se um dos melhores mestres da nossa litteratura.

De que se admira o depredador, o jagunço de os *Proceres da Critica?*

Nunca lhe terá chegado ao bestial conhecimento a existencia de gagos, excellentes cantores?

Lomelino, Lomelino, deixa-te disso!... Esconde-te, pulha. Tu não dás para estas cousas; larga de vez a mania de querer ser escriptor. E's muito tapado para isto; não possúes um só dos predicados indispensaveis ao mistér.

Deixa-te de asneiras.

Qualquer pessôa intelligente, que conversasse com o romancista fluminense percebia logo o seu esforço para exprimir-se. Qualquer critico habil e sincero o mesmo percebe no seu estylo.

Lomelino é que não está no caso de se pronunciar nestes assumptos, porque é um pobre diabo quasi analphabeto, que só tem produzido mulambeiras litterarias. E' o baleiro da litteratura. E' a mais nitida personificação da patetice que se poderia imaginar.

Um desgraçado, que acha contradicção em se chamar a *Logica — arte e sciencia,* e — *arte da descoberta e da prova*, no dominio das ideias está definitivamente julgado.

Não ha santos que o possam salvar. E' alma perdida.

E em que é que nessas cousas de Tobias Barreto ter sido ou não meu mestre; Machado de Assis ter sido ou não escriptor abundante e facil, e outros casos iguaes, reneguei eu minhas *ideias fundamentaes em philosophia, sciencias e letras,* caracteristico da *contradicção,* segundo o

principio acceito pelo proprio sandeu de *Os Proceres?*

Por lealdade para com o grande morto e os que me lêrem, transcreverei o trecho integral desfigurado pela molecaria criticandeira de Lomelino.

"O estylo de Machado de Assis não se distingue pelo colorido, pela força imaginativa da representação sensivel, pela movimentação, pela abundancia, ou pela variedade do vocabulario.

Suas qualidades mais eminentes são a correcção grammatical, a propriedade dos termos, a singeleza da forma. O periodo não lhe sae amplo, forte, vibrante, como em Alexandre Herculano; variegado, longo, cheio, como em Latino Coelho; imaginoso, fluente, cantante, como em Alencar; seguro, articulado, movimentado, como em Salles Torres Homem; terso e transparente, como em João Francisco Lisbôa; abundante, corrente, colorido, marchetado, como em Ruy Barbosa. Machado de Assis não tem grande phantasia representativa, ou antes não possúe quasi essa faculdade.

Em seus livros de prosa, como nos de versos, alta completamente a paisagem; falham as descripções, as scenas da natureza, tão abundantes em Alencar, e quasi as da historia e da vida humana, tão notaveis em Herculano e em Eça de Queiroz.

O estylo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a photographia exacta de seu espirito, de sua indole psychologica indecisa. Correcto e maneiroso, não é vivace, nem rutilo, nem grandioso, nem eloquente.

E' placido e igual, uniforme e compassado.

Sente-se que elle não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulario e da phrase. Vê-se que apalpa e tropeça, que soffre de uma perturbação qualquer nos orgãos da palavra. Sente-se o esforço e a lucta". (*Machado de Assis*—pag. 81 e 83).

Tudo isto é a verdade núa e crúa; mas é a glorificação do grande escriptor.

Com tão parcos recursos nativos, chegou a ser um dos prosadores mais correctos, mais claros,

mais simples, mais reflectidos, mais iguaes, mais singelos e, ao mesmo tempo, mais artisticos de nossa lingua.

Se não tem a abundancia correntia, profusa e espontanea que lhe nego na pag. 81, possúe a abundancia aprumada, reflectida, ponderada, obtida conscientemente, que lhe reconheço, na pag. 24.

Onde a contradicção?

Sae, sae, arreda, Silvino das letras: atufa-te no inferno, sem fundo, de tua incapacidade.

Não ha Maximinos, nem Curvellos que te possam salvar. Afunda-te.

Repara, ouve, lá vem a vaia geral:

Ser a logica — sciencia,
E ser — arte, paspalhão,
Desenrola esta pendencia:
E' ou não contradicção?

VII

L—"Ter incluido o sr. dr. José Hygino entre os bons professores da Faculdade do Recife e entre os cultores de merito da historia local de Pernambuco, e, bem mais tarde, chamar-lhe um feliz".

Ora, já se viu? E ter um homem de se defender de nugas desta ordem, de arguições que não passam de refinadas tolices e *bobagens* . . .

De forma que para esse estupido, um homem de talento não pode ser um *feliz,* ha de ser sempre um *caipora;* e, *vice versa,* um estupido ha-de ser sempre um *felizardo;* não pode entrar para o rol dos *infelizes.*

A verdade é que ha de tudo neste mundo, e o sr. dr. José Hygino foi um homem de bom caracter, de boa indole, um amavel sujeito, um diligente advogado, um professor operoso, um homem applicado e honesto, mas um talento

muito mediano, ajudado pelas circumstancias e por uma excellente estrella. A verdade não faz mal a ninguem.

Destingui-o na medida de seu merecimento, não lhe regateando o logar a que tinha direito, como professor e estudioso da historia. Mas quando, além da bella carreira que fez de juiz, de lente, de presidente de Pernambuco, de senador federal, de ministro de Estado, de ministro do Supremo Tribunal Federal, de advogado de renome, de enviado do Brasil ao Congresso Pan-Americano no Mexico, o quizeram os aduladores galhardoar com o predicado de renovador dos estudos juridicos no Brasil, despojando ao caipora Tobias Barretto desse justissimo titulo, bradei-o—*alto lá!* da critica. Não me arrependo.

E' o que Lomelino, no antro da sua estupidez, acredita ser uma contradicção!!!...

E' um caso muito mais escandaloso do que o de Castro Alves com a renovação hugoana da poesia em 1863-64.

Mas contra a estupidez—nem os deuses, já dizia Schiller.

O criticandelho occulta as condições do facto; não cita os logares e os motivos dos meus dizeres. *Vade retro.*

M—"Ter dito mal e, depois, bem de Julio de Castilhos".

Aqui o *fouet de la critique* é inefficaz.

Só por outros meios se poderia levar o criminoso impenitente e relapso, que ousou tecer taes intrigas.

Exijo a attenção dos que me lêrem.

Eis o centão de 25 linhas feito de trechos, alguns alterados, colhidos em nada menos de de seis paginas, distanciadas entre si, a longos intervallos:

> "Que outro nome pode ter em lingua humana todo esse balmacedismo crudelissimo que está trucidando o Rio Grande do Sul, a não ser de *dictadura,* a ferrea dictadura dos governos ineptos

e malignos?... (Trecho de pagina desconhecida).

"O golpe de estado de 3 de novembro de 91 originou a revolução de 23 e deu origem ás deposições dos governadores, (Trecho de *Doutrina contra Doutrina,* pag. LXXXII); *que foi a causa da nossa actual anarchia geral, que é o nascedoiro da lucta do Rio Grande do Sul, que é actualmente a fonte de todas as nossas miserias.* (Todo este trecho griphado é pura interpolação criminosa). E, sempre num crescendo terrivel, Pernambuco tem sido a presa de manejos positivistas do corajoso corypheu e não menos curioso Barbosa Lima, positivista militar, que o tem levado de reacção em reacção... No Rio Grande do Sul os desatinos teem sido ainda maiores. O prospero e poderoso estado é flagelado pela orientação, a famosa orientação positivista. (Trecho de *Doutrina contra Doutrina,* pag. L. XXXV).

"Como effectivamente veio a dar-se sob o governo do positivista Julio de Castilhos... (Este trecho é uma nota á pag. L. XXXVI do cit. livro, malevolamente inserta no texto).

"Que o diga o desequilibrio da politica interna, onde a subversão geral do governo... deixou estatelada a consciencia publica, que ainda não pôde revocar-se do pasmo diante da anarchia magna do Rio Grande do Sul, immenso distico de vergonha que nos humilha perante o mundo civilisado". (Trecho do mesmo livro, pag. 289).

Repare bem o leitor: são seis trechos: um, o inicial, de pagina que não logrei encontrar em *Doutrina contra Doutrina,* donde são os outros extrahidos (menos um que é descarada interpolação) e trecho, aquelle inicial, que não poderia estar em tal livro; porque foi este todo escripto, menos a *Conclusão,* antes de rebentar a revolução do Rio Grande, que o tal trecho inicial suppõe já existente.

Segue um pedaço, truncado, colhido no alludido livro, na pag. LXXXII, da *Introducção.*

Surge após a *interpolação* de quatro linhas da lavra do reles escrevinhador!...

Em seguida o bandido dá um salto de tres paginas e vae tirar palavras da pag. LXXXV.

Chega á pag. seguinte—LXXXVI, e péga de uma nota, que não existia na publicação primitiva no *Jornal do Commercio,* em 1892, e posta na edição, em livro, em 1894, e a inclue no seu desparatado centão, como se fizesse parte do texto do livro!...

Pula depois, num monstruoso salto de acrobatismo de furiosa pouca vergonha, e vae cahir 311 paginas além, na pag. 289 da *Conclusão,* escripta, como a nota referida, em 1894.

Não são allegadas aqui estas datas sem motivo.

O livro—*Doutrina contra Doutrina—O Evolucionismo e o Positivismo no Brasil*—, foi escripto em 1892, antes da revolta do Rio Grande

e antes da revolta da armada; só sahiu em volume dois annos mais tarde, em 1894.

Neste ultimo anno é que lhe puz a *Conclusão* e quatro pequenas *notas* da *Introducção,* notas nas quaes insistia para se não perder de vista a data da redacção do livro.

O nome de Julio de Castilhos não apparece, em todo o texto, nenhuma vez, e só na pequena nota (1894) á pag. LXXXVI, nota, por duplo crime inserida na citação do demonio como se fizésse parte do texto, repito, e como se pertencesse á pagina anterior. Um cumulo.

Envergonha-te, paspalhão; deixa-te de safadezas!

Parece que advinhava que o filho de antigo protegido de meu irmão Joviniano havia ingratamente de atacar-me pelo odio damninho que todas as bêstas teem áquelles que enxergam mais do que as toupeiras, e, por isto, tomei precauções.

Na pag. XXVII, referindo-me á data do escripto, apparecido nos ultimos mezes de 1892 no

Jornal do Commercio, digo, em nota: "Estas paginas foram escriptas em fins de 1892 e publicadas, pela primeira vez em livro, em começos de 1894".

Na pag. LVII, ainda em nota: "Não esquecer que esta *Introducção,* bem como a maior parte deste livro, foi escripta *bem antes* da revolução da armada de 6 de setembro de 1893, e já tinha sido publicada no *Jornal do Commercio*".

Na pag. LXIX, sempre em nota: "Ainda uma vez não esquecer que tudo isto foi escripto em fins de 1092, antes, pois, da revolta da armada e da *revolução do Rio Grande do Sul*".

Sempre a mesma insistencia.

Ora, a *Introducção* de *Doutrina contra Doutrina* foi destinada á analyse dos principaes acontecimentos e das principaes correntes das opiniões politicas nos tres primeiros annos da Republica e passou, por isso, em revista os *sebastianistas,* os *jacobinos,* os *socialistas,* os *militares,* os *positivistas.*

Referindo-me a factos de 1890, 91 e 92, occor-

ridos no governo de Deodoro, e do primeiro anno do de Floriano, eu não havia mister de me referir a Julio de Castilhos, que não tinha, então, a importancia e notoriedade que veio a desfructar depois.

E' verdade que, por occasião do golpe de estado de 3 de novembro de 1891, golpe de estado aconselhado a Deodoro pelo barão de Lucena, Castilhos, sendo presidente do Rio Grande do Sul, applaudiu o referido golpe lucenista.

E' verdade, ainda, que, a 8 ou 9 do mesmo mez, foi apeado do governo pela revolta dirigida pelo capitão de fragata Rocha, sendo substituido pelo triumvirato de Assis Brasil, Antão de Faria e Barros Cassal.

E' verdade, finalmente, que pouco depois foi elle reposto no poder, por ordem de Floriano, pelo general Vasques, ao mesmo tempo que a canhoneira Marajó, sob o commando do capitão-tenente Lara, bombardeava Porto-Alegre.

Era uma edição antecipada do bombardeio de Manáos, que tanto barulho levantou.

Tudo isto, porém, não chegava para dar a Castilhos o relevo que depois veio a ter na politica do Rio Grande, destaque proveniente principalmente da lucta travada contra os federalistas e das normas de governo que, de então em diante, poz em pratica.

O criticandeiro apatetado do campo da villa esconde tudo isto, a saber, occulta as condições e o espirito do livro, e pésca trechos aqui e alli, sem o minimo criterio.

Dest'arte, não falando nas linhas, cuja fonte não encontrei, o primeiro fragmento, por elle duplamente desfigurado, porque, por um lado, engoliu-lhe as ultimas palavras, e, de outro, porque o interpolou com dizeres de sua lavra, occorre em pagina em que vinha eu analysando o proceder dos positivistas desde os tempos do governo provisorio. Nada tem com Julio de Castilhos.

Dizia eu: "Outro facto se deu no governo, em dias do *provisorio,* que veio aproveitar aos famosos sectarios. Referimo-nos á desastrada

lucta entre o marechal Deodoro da Fonseca e o coronel Benjamim Constant. Este desgraçado incidente, oriundo, ao que suppomos, de intrigas urdidas por occasião de promoções havidas então no exercito, foi um lamentavel episodio que poderia perfeitamente passar despercebido, ou, pelo menos, não ter consequencias funestas, mas que não foi mais esquecido, nem mesmo após a reconciliação dos dois protagonistas.

As pretenções partidarias apoderaram-se do facto e dahi começou a decadencia do prestigio do dictador.

A mocidade das escolas, como aliás era natural, tomara partido por seu antigo mestre, e movêra, desde então, guerra de morte ao velho marechal.

No mais ardente da lucta abriu-se o Congresso Constituinte. O positivismo, especialmente em sua ramificação militar, tinha naquella assembleia diversos e habeis representantes.

A guerra continuou lá dentro cada vez mais aguda, particularmente depois da queda do pri-

meiro ministerio republicano e da ascenção do sr. Lucena. O dictador foi eleito primeiro presidente da Republica; mas sua influencia proseguiu sempre e sempre em declinio.

As relações entre o chefe do governo e o Congresso tornaram-se cada vez mais tensas.

Não eram, certamente, os positivistas os unicos promotores da lucta; eram, porém, nella evidentemente a parte mais activa e instigadora. Perdida a calma, accumularam-se os erros de parte a parte:—o Congresso legislava accintosamente tendo em mira o presidente; este entrou a vétar leis a torto e a direito. Dahi, o golpe de estado de 3 de novembro de 1891, e a subsequente revolução de 23 daquelle mez; *o que importa dizer, dahi, uma serie immensa de abalos por que tem passado este mal-fadado paiz, a começar nas deposições dos governadores, não esquecendo os desastres de 10 abril de 1892 e indo acabar sabe Deus como . . .*"

Todas estas palavras griphadas foram suppressas pelo capanga litterario. Em logar dellas metteu a interpolação de que já fallei, interpolação

feita naquelle seu estylo de trapo velho ou mulambo sujo, tão repulsivo aos leitores.

Na pagina em que occorre a passagem transcripta integralmente por mim, puz, sempre em nóta de 1894, estas palavras: Tivemos éstro prophetico: de desordem em desordem, de violencia em violencia, o paiz chegou até as revoluções do Rio Grande do Sul e da armada de 6 de Setembro de 1893, que foram dois tremendos desastres para o nosso credito e das quaes a primeira ainda perdura". (Pag. LXXXIII).

De tudo se deprehende que não cogitava de Castilhos, nem no texto, nem nas notas.

O nome do despota—só apparece na celebre notinha, arrancada por Antonio Silvino, *silicet*, Lomelino Freitas, da sua pagina e da sua posição de *nota* de 1894 e introduzida n'um texto quasi tres annos anterior!... O caso é este: venho analysando os acontecimentos de Pernambuco e Rio Grande, em dias de 1892, em pleno dominio de Floriano, e chego a este ponto:

"A rapida resenha que deixamos feita dos

principaes factos denunciadores da perniciosa intervenção positivista na politica da Republica está mui longe de ser completa.

Fôra preciso não esquecer seus manejos para a retirada do ministro José Hygino da pasta do interior, já em dias da governança do successor de Deodoro; fôra necessario ir de novo a Pernambuco e inquirir das desavenças cada vez maiores entre o actual governador (Barbosa Lima, assessorado por Annibal Falcão) e os republicanos d'aquelle Estado; fôra indispensavel avançar outra vez até ao Rio Grande do Sul para apreciar o systema governativo alli implantado, desde o tempo do sectario do mesmo Deodoro da Fonseca, com a sua constituição do sabor da seita, até aos dias de hoje em que pretendem galvanisar acolá algumas nullidades politicas, com o auxilio do governo federal, trazendo para isto a população alarmada, a guarnição dividida, sendo possivel um rompimento de um dia para outro...

Neste ponto é que inseri, em *nota,* em 1894, estas palavras: "Como effectivamente veio a dar-se sob o governo do positivista Julio de Cas-

tilhos, actual governador. Ha quasi tres annos o Rio Grande do Sul anda em plena revolução". *Idem, ibid.*, pag. XXXVI". Assim se comprehende a ordem de ideias que vinha expondo no texto.

Pela forma como o reles criticarôllio procedeu em sua citação, fica-se no ar. De repente, sem o trecho—corelato, transcreve: "Como effectivamente veio a dar-se... etc. etc."

Que é que veio a dar-se, paspalhão?

Arreda, arreda-te, deixa de envergonhar Sergipe...

Pobre toupeira! Suppor que póde prender gente nas podres malhas de seus molambos velhos... Coitado!

Já se vê que, o que andou parvamente a transcrever como referente a Castilhos, era em geral dirigido aos politicos positivistas, inspiradores da politica dos tempos do *provisorio* e do governo de Floriano.

Castilhos tem alli a sua parte no conjuncto geral; mas não foi nominalmente chamado a terreiro.

Dest'arte, repetir, como faz o garoto e tortuoso baleiro, o trecho final, tirado da pag. 289, dando o salto mortal em que o acrobata da pulhice pula tresentas e tantas paginas, repetir estas palavras—*anarchia maxima do Rio Grande do Sul, distico de vergonha que nos humilha*—fóra de seu tempo e logar, não passa de refinada velhacaria.

Os causadores dessa *anarchia,* desde o governo federal que a não soube evitar nem reprimir a tempo, eram outros que não precisamente o despota positivista que a procurava tyranicamente suffocar.

E' claro.

Lomelino, Lomelino, toma senso!

Como quer que seja, muito lampeiro, e sempre servindo de cornaca do *mano,* que lhe forneceu nesta parte os apontamentos, pula o macaquito de *Doutrina contra Doutrina* (1892), e toca a repetir um trecho meu, cascavilhado pelo dito *mano* em contestação eleitoral na Camara dos Deputados, texto que se encontra no *Diario do Congresso,* em 1897.

Sempre desvirtuadas, por truncadas e postas fóra de seu meio normal são aquellas minhas palavras, ditas de occasião, que não fazem parte da minha obra d'escriptor. Ironicas quasi todas, eram palavras diplomaticas, indispensaveis no momento, para apadrinhar o partido republicano sergipense contra a pressão olygarchica do padre Olympio de Campos e dr. José Luiz e Leandro Maciel, com o prestigio da bancada riograndense, prestigio poderosissimo então, como ainda agora.

São passos vulgarissimos, oriundos das contingencias da politica partidaria, que obrigam toda a gente, em toda a parte e em todos os tempos. São transacções simplissimas, sem as quaes a pratica politica é absolutamente impossivel.

Em todo caso, e isto é o principal, veja bem o leitor, aquellas palavras de 1897 não estão em contradicção com dizeres de 1892 e 93, em que se não cogitava, como ficou patente, de Julio de Castilhos, nem com a *notinha*, de 1894, na qual se allude a seu nome, consignando apenas um facto historico sem censuras, nem commentarios.

Mas, ainda uma vez, que têm essas babuzeiras de Tobias ter sido ou não meu professor; Machado de Assis ter sido ou não abundante na linguagem; José Hygino feliz ou não; Julio de Castilhos digno ou não de elogios, com a *mudança constante das ideias fundamentaes* em religião, philosophia, sciencia, politica, arte, moral, direito *et le reste?*

Toma senso, bobalhão; encafurna-te de uma vez e para sempre, emquanto não venha governo serio que te demitta a bem do ensino publico.

Toma trote:

Ser a logica — sciencia —
E ser — arte —, paspalhão,
Desenrola esta pendencia:
E' ou não contradicção?

VIII

N—"Combater o governo do marechal Floriano, e, depois, me passar para a politica do mesmo marechal, filiando-me ao partido do coronel M. P. Oliveira Valladão, em Sergipe".

Esta inqualificavelmente estupida bernardice não passa de repetição deslavada de reles accusação, feita ha dezoito annos e desde esse tempo reduzida á poeira.

Quando iniciei esta resposta não me occorreu que já havia, desde maio de 1893, no *Prologo* da 2.ª edição de *Doutrina contra Doutrina,* esmagado esse e outros libellos ineptos.

Se me tivesse logo lembrado, não teria feito mais do que reproduzir o que, então, escrevêra.

A tal ballela de *florianismo* é do numero; figura ao lado das referentes ao *militarismo* e ás *deposições*.

Lomelino é tão rombo de comprehensão que não chêga a perceber que tolas accusações não se repetem, quando já refutadas, se o descarado repetidor não as fortalece por novos e irrespondiveis argumentos.

E' o caso do trefego pacaça nesta emergencia. Sem nada adduzir de novo, repete, como caixa de resonancia do *mano,* baboseiras refutadas victoriosamente ha perto de vinte annos.

Vou reproduzir a argumentação de 1895, para que toda a gente veja, de forma nitida, que Lomelino, mesmo repetindo tolices alheias, não chega a pôr-se em dois pés; fica sempre de quatro.

"Somos accusados, escrevi no alludido *Prologo* de maio de 1895, somos accusados de tres contradicções que constituem outros tantos peccados:

1.ª Alliando-nos ao coronel Valladão, passamo-nos para a politica *florianista,* que a principio tinhamos combatido;

2.ª Ligando-nos áquelle coronel, fizemos acto

de *militarismo,* que tambem já tinhamos impugnado;

3.ª Ajudando a depôr o capitão Calasans, puzemo-nos em desaccôrdo ás accusações por nós feitas á politica incorrecta das *deposições.*

E' isto e mais nada. Poderiamos contestar por negação; mas discutamos.

Não passa tudo de um accervo de falsidades e grosseiros sophismas.

Os nossos inimigos são muito levianos, quando suppôem que essas tres pequeninas objecções, naquillo em que podessem, por acaso, ter apparencia de verdade, não nos tivessem occorrido, antes de irmos do pequeno estado do norte. Enganam-se.

Foi só depois de muito madura reflexão sobre ellas, que nos decidimos a entrar na liga politica que ajudamos a levar a effeito acolá. Foi só depois de pesar todos os motivos de acção que nos collocamos ao lado de nossos amigos, a convite de nosso chefe Vicente Ribeiro.

O caso era o seguinte: o partido republicano

achava-se em Sergipe, devido a gravissimos erros do primeiro governador dos tempos do *provisorio* (o ultra-famigerado Florisbello das loterias, mano de Lomelino, alli pôsto, aliás, pelo auctor destas linhas), dividido em dois grupos e entrava a enfraquecer-se cada vez a mais. Diante delle, o velho partido retrogrado, unido, coheso, crescêra em forças, tomara conta de todas as posições, e acabava de estrondosamente vencer as eleições federaes de 1.º de março de 1894, nas quaes, entre outros velhos republicanos, nós e nosso patricio coronel Oliveira Valladão, que prestara bons serviços á causa da politica da Republica, saimos derrotados.

Vicente Ribeiro e outros amigos republicanos historicos, gremio a que pertenciamos, tiveram a ideia de unir os dois grupos dissidentes do partido, no intuito de resistencia ao inimigo commum.

Nosso patricio, coronel Valladão, chefe de um dos lados, foi por Vicente Ribeiro, chefe do outro, lembrado como o mais proprio, na occasião, para levar a effeito a almejada união.

A ideia fez caminho entre os co-religionarios de uma e doutra banda, e chegamos todos a realisar o commum desideratum. Em tudo isto nosso papel foi modestissimo; limitamo-nos a acceitar a ideia e a defendel-a, por a julgarmos convenientissima á politica republicana em nosso estado natal.

Ora, em consciencia, senhores—*nos amis, les ennemis,* que diabo tinha aquillo que ver com o que costumam ahi chamar *florianismo,* no sentido de politica de ferro e fogo ou cousa que o valha? Em que era isso uma adhesão a essa politica no máo significado que é de uso emprestar-lhe? Que relação havia entre os erros da *gestão primitiva* do sr. Floriano, por nós profligados, e as conveniencias locaes de Sergipe?

Nesse passo (junho de 1894) não tinhamos nada com o ainda então presidente da Republica, que não foi consultado, nem tinha que sêl-o em assumpto que não era absolutamente de sua competencia.

Seguindo nossos companheiros e amigos, não fizemos, pois, acto de *florianismo* em qual-

quer sentido; obedecemos apenas ás circumstancias peculiares á nossa patria local, que não podiamos, sem crime, abandonar a fanaticos reaccionarios, e cumprimos um dever de lealdade e camaradagem partidaria. O contrario seria uma ingrata e mesquinha deserção.

E, já que estamos a falar na politica do sr. Floriano, para defender-nos de insolitas accusações, aproveitamos o ensejo para dar nossa opinião definitiva sobre ella. Teve manifestamente duas phases: a primeira, a das *deposições,* iniciadas em novembro de 1891, aconselhadas pelos srs. general José Semeão, almirante Custodio de Mello e major Serzedello Correia, foi pessima; nós a combatemos e a combateriamos ainda hoje; a segunda, depois da revolta da armada de 6 de setembro de 1893, que se pode intitular a da *resistencia,* no meio de muitos absurdos, teve um grande merito, que veio a redundar em beneficio do paiz. Queremos falar na tenaz oppugnação exercida pelo marechal, só propria dos animos fortes, contra a anarchia, prestigiando o principio da auctoridade.

Esta ultima feição do governo de Floriano não a combatemos e não combateriamos ainda hoje.

Quando fomos a Sergipe estava-se nos ultimos tempos dessa segunda epoca de sua presidencia. Sem nunca o andar a acolitar, reconhecíamos-lhe o serviço nacional a que acabamos de alludir.

Poderiamos, se gostassemos de exhibições ruidosas, como muita gente que conhecemos, ter ido á imprensa, como fizeram tantos outros, e dizer á multidão:

> "Até hoje estivemos afastados do systema de governo do marechal F. Peixoto; como republicanos, porém, diante da revolta restauradora, cerramos fileira em torno de s. exa.".

Não precisámos de o praticar; não achámos indispensavel andar a fazer praça engrossadora de nossas convicções. Ficámos em nosso posto republicano e era o bastante. Nunca procuramos em tempo algum esse presidente da Repu-

blica; nunca lhe falámos; quasi poderiamos dizer que nunca o vimos, pois só o avistamos uma só vez em nossa vida, em principios de 1890, quando era apenas ajudante-general do exercito.

E esse é o que se ousa chamar o nosso florianismo? Um florianismo posthumo que, valha-nos isto, nada teve nem tem de interesseiro, porque só nasceu quando o famoso florianismo dos homens *praticos e habeis* estava em dias de expirar?!...

Conhecemos tanta gente que nos andou a espionar, que até chegou a lembrar-se de nossa prisão, como suspeitos ao florianismo sem jaça, tanta gente que locupletou da politica de então, da qual nada tivemos nem queriamos ter, como nada tivemos nem quizeramos ter de nenhuma anterior ou posterior; tanta gente faustosa do famoso politiquismo da epoca, que hoje o renega!...

Passaram a outros galhos, voejaram para outras arvores.

Mundo perverso, dizia De Maistre, que consentes estes contrastes!

Nós, que nunca occupamos posição alguma politica, somos acoimados de florianistas, como epitheto mal soante, só porque temos, *hoje que o marechal não é mais governo,* a coragem de dizer que este brasileiro, tem um titulo á benemerencia patria, máo grado os erros, os primeiros erros de sua politica... Uns trefegos aduladores de Floriano, como tinham sido de Deodoro e de Lucena, e o são agora de Prudente de Moraes, e haviam de ser amanhan de Peixoto de novo, se de novo elle tornasse ao poder, esses é que não são florianistas, epitheto, que, aliás, acceitamos na vigesima parte da extensão que possa ter; porquanto de tudo que esse desaconselhado alagoano fez apenas lhe temos gabado a *virtude da resistencia.*

Já tivemos occasião de o proclamar ao proprio sr. Prudente de Moraes, presidente actual, quando fômos a palacio, em nome da congregação do Gymnasio Nacional, saudal-o pela solução amigavel da *questão das Missões,* nestas palavras:

"O governo passado tropeçou em mais de um ponto de seu caminho, resvalou em erros, caiu em desacertos.

"Negal-o? Para que? E' a partilha de todos os governos. Mas o governo passado, ou, melhor, o chefe do governo passado cumpriu uma missão historica, e essa missão foi, talvez, a mais espinhosa que tenha sido enfrentada por um estadista brasileiro: *a missão de fortificar o principio da auctoridade, que existia apenas no Brasil como longinqua tradição historica;* a missão de debellar a unica revolução séria que já houve nesta porção d'America; a missão de dar combate aos sectarios do antigo regimen, em aberta reacção, e firmar a republica. Um homem não tem jamais duas missões historicas a cumprir nos fastos de um povo. A propria evolução dos factos o atira de lado por uma especie de compulsoria dos acontecimentos, uma especie de selecção politica. E' o caso de vosso antecessor",

Floriano ainda estava vivo. Onde aqui a quebra de principios e convicções falando nós a verdade com egual desassombro do presidente passado e do presente?

Ha ahi sim criterio sociologico e philosophia dos factos.

E as mesmas verdades não as dissemos só diante do sr. Prudente de Moraes em palacio; proclamamo-las tambem perante o povo, pouco após, a 1.º de maio deste anno (1885) das columnas da *Cidade do Rio,* no artigo—*O dia dos operarios,* nestes termos:

> "Em nossa Republica, que ainda não sahiu do periodo do feiticismo dos nomes proprios; que ainda não comprehende amplamente que um homem não se prende a grupos, para poder ser justo com todos e independente diante de todos; que não quer, por emquanto, admittir que se possa falar bem de Benjamin Constant sem que seja indispensavel dizer mal de Deodoro da Fonseca; que se possa reconhecer em Flo-

> riano Peixoto a *virtude da resistencia*— sem que por isto se tenha obrigação de desconhecer os grandes erros de seu governo; que se admittam as virtudes pessoaes de Prudente de Moraes, sem grande desejo de acertar, sem que se fique no dever de occultar as vacillações e incertezas de sua politica; em nossa Republica, que já deve ir pensando em afastar-se da idolatria do heróe, ou supposto tal, é cêdo ainda para reivindicações socialistas".

Ora, tudo isto que temos citado e allegado, não *discrepa de um apice das linhas firmes de nossas ideias* (Ouve Lomelino!...) de mais de um quarto de seculo a esta parte, espalhadas em vinte livros e algumas duzias de artigos, atirados á publicidade, antes e depois da Republica.

E' claro, pois, que nada, absolutamente nada, tivemos, nem temos, de particular e pessoal interesse na governança de Floriano (nem fômos despedidos de seu governo por malversações

nas loterias...), que é hoje móda atacar em certos circulos que a desfructaram (Ouve Lomelino!...), ingrata e injustamente...

Não lemos tambem pela cartilha daquelles que a elogiam, *d'alto a baixo,* em todos os tons, só enxergando maravilhas, onde muitas vezes ha grossos disparates.

Os nossos adversarios, de varios credos e procedencias, devem saber os grupos em que se acham.

Estejam certos, em todo caso, que ainda é um pouco cedo para abrirmos mão do direito de estudar e julgar os factos e os homens de nosso paiz, e temos a gloria de dizer que estamos de pé diante de todos; porque temos sido correctos com todos elles. Não existe no Brasil quem possa ter a petulancia de já nos haver pegado em delicto de subserviencia politica ou de qualquer outra ordem, ou na pratica de algum acto menos digno. Ainda não houve calumnia, forjada por quaesquer mentes, que não cahisse esmagada debaixo de nossos pés. Temos os defeitos de nossas virtudes; podemos ás vezes

ter sido rudes ou exagerados; mas todo mundo tem obrigação de dizer que nunca fomos nem interesseiros, nem bajuladores, nem alheiados, em qualquer gráo, do respeito moral que devemos a nós mesmos.

Rendemos preitos ao saber, ao talento, aos serviços, *exempli gratia,* de um Ruy Barbosa, sem que estejamos obrigados a proclamar que sob o governo de Floriano Peixoto tudo tenha sido ruim.

Que será preciso mais accrescentar para libertar-nos da primeira parte do libello? Hão de convir que nada.

Quatro têm sido os governos republicanos até hoje (maio de 1895): o *provisorio,* o constitucional de Deodoro, o de Floriano e o do sr. Prudente de Moraes. Nossa attitude diante delles foi sempre e continúa a ser correctissima.

Ao primeiro ajudamos em principio, quanto podiamos, e era essa a nossa obrigação de republicano; só nos afastamos delle, quando entrou a fazer disparates varios e especialmente nos desautorou em negocios politicos de Sergipe,

dando ganho a manejos de certos intrigantes, cujos nomes não devem macular estas paginas.

Ao segundo auxiliamos tambem, pela imprensa, nos primeiros tempos e delle nos separamos, quando se tornaram patentes as intenções do sr. Barão de Lucena, o homem do golpe de Estado de 3 de novembro de 1891. Ao terceiro seguimos tres ou quatro dias apenas, deixando-o de lado, quando começaram as deposições (a de Sergipe foi a primeira, aconselhada pelo mano Florisbello...) dos governadores e dos tribunaes dos Estados.

Escrevemos, então, no *Diario de Noticias* (Santiago) o artigo intitulado—O PRIMEIRO ERRO, que foi transcripto em todo o Brasil. (Aprende Lomelino; era isto em novembro de 1891). Só muito mais tarde, depois da revolta da armada, de 6 de setembro de 1893, é que, moralmente, nos reconciliamos, mas sem o mais leve trato pessoal, com o chefe do Estado, á vista de sua energia.

Em todas estas situações da politica republicana nunca fomos pretendentes a cousa alguma

do poder, nunca fomos, segundo a linguagem pinturesca do povo (Ouve Lomelino), *engrossadores*.

Em face do quarto governo, o de agora, isto é, diante do sr. Prudente de Moraes, nossa attitude tem sido da maior abstenção e reserva, pois que elle parece querer ser (e foi de facto) um protector mais ou menos disfarçado da olygarchia reaccionaria e retrograda sergipana, contra as legitimas aspirações de nossa pequena patria.

Não nos parece que pudessemos seguir uma *linha mais severa de conducta* (Ouve, Lomelino!) em tantas collisões que têm desnorteado a mais de um espirito sério.

Escusado é alludir aqui aos tempos da politica imperial, que sempre e sempre deixamos em distancia. (E combatemos sempre). Não nos amedronta, portanto, o parallelo (com quem quer que seja); não admittimos que NINGUEM TENHA SIDO MAIS COHERENTE, MAIS CORRECTO E LEAL DO QUE NÓS NA POLITICA BRASILEIRA. (Ouve Lomelino!).

Tanto sim; mais não. Esta é a verdade que

todas as inimisades imaginaveis NÃO TÊM O PODER DE APAGAR. (Poderieis tu e o *mano,* Lomelino, assim falar?)

Não nos apavora o juizo dos contemporaneos, menos ainda o dos posteros, se houverem de se lembrar de nosso obscuro nome.

Podem os empreiteiros de odios e malquerenças bramir como quizerem. Podem dar-se as mãos no ephemero e sordido empenho de atacar-nos.

Não nos arredaremos de nossa linha de conducta em terrenos quaesquer, e não tememos os adversarios em sentido algum intellectual ou moral. Sua sciencia não nos mette susto; nem sua santidade tão pouco. Sempre estivemos na lucta e de viseira descoberta. Não o poderão negar". *(Doutrina contra Doutrina*—2.ª edição, Rio de Janeiro, 1895; pags. X a XVIII, do *Prologo*".

Quem fala assim, não engana, nem pede misericordia.

Assim bradava eu em 1895 ao Brasil inteiro.

Toda a gente reconheceu completamente esmagada essa toliçada de contradicção de passagem para a politica de Floriano.

Não precisava delle, nem em 1891, quando o ataquei em *O primeiro erro,* nem em 1894, quando entrei no pacto politico promovido por Vicente Ribeiro, padre Dantas, padre Fonseca, Apulchro Motta, Ivo do Prado, Benildo Roméro, Odorico Barreto, Augusto Magalhães, Avila Franca, coronel Valladão, elementos agitadores da politica liberal republicana de Sergipe—naquelle tempo, sem falar em crescido numero de chefes locaes.

Só não entrava nisto o *mano;* porque era por todos repellido, por causa da sua chronica...

E tens o descôco de vir repetir, em 1912, parvoices ensinadas por elle, e pulverisadas desde 1895, ha 17 annos passados!

Afunda-te, pascacio.

Nem, ao menos, te chega o bestunto para vêres que em tua rodinha não se deve nunca pronunciar o nome de Floriano, porque te deve-

rias lembrar que uma cousa peior ha que ter passado alguem para a politica desse dictador, se de facto tivesse havido esse alguem e essa tal passagem, que não houve,—é ter sido por elle enchotado do governo por maroteiras nas loterias...

Ouve, demonio, porque vieste bolir com quem estava generosamente calado?

Escuta, ouve, lá vem o côro:

Em ser logica—sciencia,
E ser arte—, paspalhão,
Desencanta esta pendencia:
Haverá contradicção?

IX

O—"Atacar violentamente a *maioria* (??) dos escriptores nacionaes, não escapando a essa irada monomania os *mais illustres* poetas, os oradores *mais famosos,* os *mais eminentes* jurisconsultos, os philosophos *mais profundos* (??), nem os historiadores *mais eruditos,* não se livrando *nenhum* de pagar o penoso tributo á ferula implacavel e impiedosa do critico; e, em compensação, mais elogiar e elevar a pleiade dos escriptores *incipientes, obscuros, ignorados, mediocres* e *nullos* (??) do que os de merito e real valor".

Lêram? Repararam bem? Póde haver mais grave accusação a um homem de letras, a um escriptor e peculiarmente a um critico e historiador literario?

E como pode merecer elogios um historiador literario, elogios como m'os tece Lomelino, um

escriptor que anda a deprimir os homens *de real merito* e a *exaltar os nullos?* Isto nas mesmas paginas?

Ahi é que ha *contradicção* e da genuina...

A accusação é tão séria que se não a esmagar já e absoluta e radicalmente, quebrarei hoje mesmo a penna, e nunca mais escreverei uma linha para o publico.

O magarefe, neste ponto, escreve lampeiro: "Não citaremos nomes..." (SYLVIO ROMÉRO — *Pagina de critica impressionista* — pag. 101; OS PROCERES DA CRITICA — pag. 95).

"Não citaremos nomes..." Pois devia citál-os; é uma misera covardia não os citar.

Anda, conjuro-te, principe da asneira, para que os cites: os dos mais *illustres* deprimidos, e os dos *obscuros, ignorados, mediocres* e *nullos,* exaltados...

Vamos, vamos; toma voz e fala: cita os nomes da *maioria de nossos grandes escriptores, por mim deprimidos e os da pleiade dos nullos, por mim elevados a grandes altu-*

ras... Vamos. Não o farás; não o poderás fazer, porque mentiste pela gorja, maroto.

Meus livros ahi estão. Venha o leitor sensato e honrado percorrel-os commigo.

Ahi está a *Historia da Litteratura Brasileira*. Comecemos por ella.

No seculo XVI surgem as figuras de *José de Anchieta* e *Teixeira Pinto,* cumulados, sobretudo o primeiro, de rasgados elogios, aquelle por seus serviços de apostolo, evangelisador, educador dos brasileiros nos primeiros annos da conquista; o outro, por partir delle a dupla tendencia de nossa literatura nos primeiros seculos: a descripção da natureza e a de selvagens.

No seculo XVII se destacam os vultos de frei *Vicente do Salvador, Gregorio de Mattos,* sendo ambos bem tratados, sobretudo o ultimo, que o foi com, talvez, exagerado carinho, destacando-se-lhe o valor, como satyrico e lyrico, e como espelho e documentação da athmosphera social de seu tempo e das transformações da lingua desde o segundo seculo da colonisação.

Ha até clara reacção contra a velha critica que o considerava um máo sujeito, reivindicando-lhe o reconhecimento para *seu caracter honrado e sua alegria expansiva e saudavel.*

"Tinha grande inteireza, disse eu, de caracter, tinha coragem contra os grandes; era um homem simples e resoluto; odiava apenas a fatuidade de seu tempo. Foi o censor de sua epoca".

Será esse um dos nullos por mim exaltados?

Os Lomelinos do tempo, claro, o haveriam de injuriar.

No seculo XVIII, primeira metade, apparecem *Frei Santa Maria Itaparica, Antonio José da Silva, Rocha Pitta, Bartholomeu* e *Alexandre de Gusmão.*

A todos não se regateiam calorosos gabos, nomeadamente ao famoso *Judeo.*

Estarão entre os nullos por mim exaltados ou entre os notaveis por mim deprimidos?

Na segunda metade do mesmo seculo XVIII, move-se a ronda brilhantissima da famosa escola mineira: epicos, satyricos e lyricos,—*Basilio da Gama, Santa Rita Durão, Claudio da Costa, Gon-*

zaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e, além dos mineiros, *Tenreiro Aranha, Caldas Barbosa* e outros.

São todos tratados com amor, a ponto de Machado Sobrinho, poeta, critico e erudito de grande valor, filho do Estado do Rio, mas residente em Minas, repetir-me sempre: "As suas paginas acerca dos poetas mineiros são um hymno de eterna glorificação do Brasil".

Serão do numero da grande *maioria dos illustres* talentos por mim depreciados? Estarão entre os *nullos* exaltados?

Depois chega a vez de *Souza Caldas, São Carlos, frei Sampaio, frei Caneca, Natividade Saldanha, frei Bastos, Eloy Ottoni,* todos elogiados, na medida de seus meritos, uns como poetas, outros como oradores.

Nessa secção—o *vigario Barreto, o conego Januario,* e *frei Mont'Alverne,* censurados em alguns pontos, são gabados, o primeiro, em certas composições lyricas; o segundo, como biographo; o terceiro, como orador.

O livro não haveria de ser um puro compendio de elogios: o critico reclamava os seus direitos em nome da verdade.

Passam alguns artistas, musicos e pintores, tratados com distincção. Chega a vez dos naturalistas, os cultores das sciencias, que, contra o vóto de muitos criticos de nomeada, inclui no meu livro.

Alexandre Rodrigues Ferreira, José Bonifacio de Andrada, Conceição Velloso, Velloso de Miranda, Arruda Camara, M. F. da Camara Bittencourt e Sá, Vieira Couto—são do numero. O que delles escrevi, sempre em abono de seu saber e serviços, entra na esphera das cousas que mais préso de haver praticado.

E tenho vivido a deprimir nossos grandes homens...

E' o pensar dos Lomelinos; mas já alguem, que o conhece, me descobriu a origem da maroteira: é porque, tendo mettido o *mano* na politica republicana e feito delle governador de Sergipe, atirei-o depois fóra, como traidor, e

nunca me resignei a falar delle, como pretendente a escrevinhador de historia.

Mas prosigamos.

Em fins do seculo XVIII e primeiras tres decadas do XIX, é apreciado o grupo dos ultimos poetas classicos: *Vilella Barbosa, Borges de Barros (Pedra Branca),* aos quaes se faz justiça proporcional a seus merecimentos.

Avultam após os poetas de transição entre classicos e romanticos: *Maciel Monteiro, Candido José de Araujo Vianna (Sapucahy), Odorico Mendes, Moniz Barretto, Barros Falcão, Bernardino Ribeiro, A. Augusto de Queiroga, F. Bernardino Ribeiro, Firmino Rodrigues Silva, José Maria do Amaral,* são exaltados a mais não poder ser, porque todos eram de grande valor.

Em todo o capitulo censuro um pouco apenas, mas fundado em serias provas, alguns trechos de *Alvaro Teixeira de Macedo,* alguns deslises de *Salomé Queiroga* e *Odorico Mendes,* este tão só no ar archaico que imprimiu ás suas traducções de Virgilio e Homéro.

Em seguida o pelotão dos historiadores sempre dos ultimos tempos do seculo XVIII e primeiros do XIX: *Jaboatão, Pedro Taques, frei G. da Madre de Deus, monsenhor Pizarro, L. Gonçalves dos Santos, Balthazar Lisboa, visconde de São Leopoldo, Ignacio Accioly, Ayres de Casal.* São todos cumulados de elogios, na altura de seus titulos á glorificação, sendo apenas algum tanto censurado *monsenhor Pizarro,* por sua falta de methodo.

Em marcha batida approximam-se os economistas, jurisconsultos, publicistas, oradores, linguistas, moralistas, biographos, theologos e literatos: *André João Antonil, dom J. J. da Cunha de Azeredo Coitinho, José da Silva Lisboa, Hippolyto J. da Costa Pereira Furtado de Mendonça, Antonio Carlos R. de Andrada, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Evaristo da Veiga, Antonio de Moraes Silva, Mariano J. Pereira da Fonseca (Maricá), frei Miguel do Sacramento Lopes Gama,* todos collocados em seu posto, com accentuados elogios.

Até aqui o 1.º volume, isto é, toda a historia

literaria do Brasil, desde 1500 a 1830, poetas e prosadores.

Nesse grande numero de operarios da intelligencia não existe um só que tivesse sido, *nullo,* exaltado sem razão, *distincto,* rebaixado sem motivo. Foram todos respeitosamente, carinhosamente estudados e classificados. São os sessenta e seis brasileiros mais distinctos nas letras durante esse periodo.

A todos justiça se fez.

Passemos ao 2.º volume do citado livro, isto é, aos poetas a contar de 1830 a 1870 e annos proximamente posteriores.

No capitulo I,—primeira phase do romantismo, são estudados: *Domíngos J. Gonçalves de Magalhães, Porto-Alegre, Teixeira e Sousa, Norberto Sílva, Dultra e Mello, Francísco Octaviano, João Cardoso de Meneses e Souza.*

São, no geral, muito mais elogiados do que censurados, sempre com alevantado criterio.

O proprio *João Cardoso (Paranapiacaba),*

criticado em certos deslises em que cahiu, como poeta, é recompensado, como publicista.

A *Magalhães* e *Porto-Alegre* são tecidos rasgados elogios por mais de um titulo, sendo o primeiro delles algum tanto diminuido como philosopho, como era de razão.

No capitulo II,—segunda phase do romantismo,—é objecto de estudo o grande *Gonçalves Días*.

E' impossivel em critica e historia literaria séria tratar melhor um homem.

No capitulo III,—terceira phase do romantismo, a scena é occupada por *Alvares de Azevedo, Aureliano Léssa, Bernardo Guimarães, José Bonifacio, Laurindo Rabello, Junqueira Freire, Augusto de Mendonça, Franco de Sá, Teixeira de Mello, Casimiro de Abreu.*

Sem falar de *Azevêdo, Léssa* e *Bernardo*, poetas magnos tão elogiados quanto o proprio *G. Días*, orgulho-me do que escrevi de *Teixeira de Mello* e *Laurindo Rabello*. O primeiro estava completamente esquecido e mostrei que

era um dos mais primorosos de nossos lyristas. O outro—passava por um bohemio de talento, orador, improvisador, repentista, dotado de veia comica e pendores pornographicos. Mais nada.

Provei que era um lyrico, e, notadamente, um elegiaco de primeira ordem.

A *José Bonifacio, Augusto de Mendonça, Casimiro de Abreu* e *Junqueira Freire*—não regateei fervorosos encomios.

E assim é que rebaixei a maioria de nossos grandes talentos?...

Prosigamos.

No cap. IV, entre os campesinos e poetas mais ou menos afins, destaco *Pedro de Calasans, Bittencourt Sampaio, José Maria Gomes de Souza, Elzeario da Lapa Pinto, Francklin Doria, Trajano Galvão, Gentil Homem, Bruno Seabra, Joaquim Serra, Souza Andrade, Juvenal Galeno*

São mais onze nomes, todos glorificados.

E' um dos capitulos de que mais me honro; porque trata de poetas provincianos que ficariam desconhecidos quasi todos, se não os hou-

véra contemplado em meu livro, obra de amor, verdade e justiça.

Dos onze, talvez só se viesse a falar em *Bittencourt Sampaio, Joaquim Serra* e *Francklin Doria,* por se terem mudado para o Rio e mettido na politica.

No cap. v são vistos *Pedro Luiz, Fagundes Varella, Luiz Gama* e *Rosendo Moniz,* todos quatro estudados com devotada sympathia.

No cap. VI e VII são glorificados:—*Tobias Barretto, Castro Alves, Victoriano Palhares, Mello Moraes Filho, Luiz Guimarães Junior, Luiz Delfino;* e indicados, com destaque, *Celso de Magalhães, Sousa Pinto* e *Gumercindo dos Santos.*

São mais nove nomes; nenhum delles foi menoscabado, por sêrem nomes de individualidades de valor.

Dentre elles larga justiça foi feita a *Tobias Barretto,* estupidamente desvalorisado pela criticandice dos iguaes a Lomelino.

Por forma identica se praticou para com *Mello Moraes,* tido por erudito pesquizador da

historia patria, confundido com o pae, e despresado como poeta lyrico de merito, que é, e provei.

O caso de *Luiz Delfino* é ainda mais caracteristico.

Tendo no prefacio dos *Dias e Noites,* em 1881, dito possuir o poeta auctor desse livro, umas vezes, a doçura de João de Deus, e, outras vezes, a elevação das notas de Luiz Delfino, clara distincção conferida ao poeta catharinense, não gostou elle, ao que parece, do parallelo e sahiu-se, na *Gazetinha,* pequeno jornal naquelle tempo existente no Rio de Janeiro, com uma serie de terriveis artigos contra o poeta sergipano.

Não podia sêr mais clara e positiva a provocação. Seria covardia não acudir ao repto, apanhando a luva.

Eis porque sahi a terreiro e escrevi contra Delfino o artigo de polemica reproduzido no folheto—*O Naturalismo em Litteratura,* onde occorrem, além desse artigo, um estudo sobre E. Zola, que deu o nome ao opusculo, e outro

acêrca de Machado de Assis, que tambem havia escripto umas cousas que demandavam resposta.

Neste Rio de Janeiro, que melhor fôra chamar o *Rio do Esquecimento,* presto olvidou-se a genuina historia dos factos e ficou-se a badalar que, sem motivo, havia eu atacado Luiz Delfino, quando apenas me defendia.

E' sempre assim.

Mas, seis annos mais tarde, nas paginas da *Historia*, meu dever era ser imparcial e collocar o poeta em seu logar, rendendo-lhe os preitos a que tinha jús. Proceder era este digno de applausos. Mas, cousa inaudita!... viu-se o contrario: aquelles mesmos Lomelinos que berraram contra os rigores usados com Delfino, quando foi do artigo em resposta a seus ataques, vieram gritar-me aos ouvidos: *contradicção, contradicção!*... quando lhe fiz justiça na *Historia!*...

E durma-se com o zurrar duns asnos dessa laia, fechados, completamente fechados, ao cultivo das ideias, á lucta das doutrinas, á justiça da historia.

Recapitulando: são mais cincoenta e tres nomes, que sommados aos sessenta e seis do 1.º volume, prefazem a respeitavel somma de cento e dezenove brasileiros, a quem fiz plena justiça.

Mas não basta; abramos o *Compendio de Historia da Litteratura,* no qual ha uma parte que é resumo da obra grande, resumo de que gentilmente se encarregou meu patricio e amigo, —o professor João Ribeiro—, cujo elogio é dispensavel fazer, tão respeitavel é em todo Brasil, e outra parte inteiramente nova,—a que trata dos *prosadores no seculo 18,* e abrange mais de metade do livro.

Esta parte é toda da minha lavra. Nella occorrem os estudos de *Martins Penna, J. Manoel de Macedo, José de Alencar, Agrario de Menezes, Manoel Antonio de Almeida, Francisco Pinheiro Guimarães, Franklin Tavora, A. de Escragnolle Taunay* e *Machado de Assis,* entre os dramaturgos e romancistas.

E' para notar que, a despeito de velhas dissenções com E. Taunay e Machado de Assis,

—são ambos tratados com elevada distincção, especialmente o ultimo, como era de razão.

Quaes foram, pois, os mais *illustres* romancistas e dramaturgos por mim deprimidos, ou os *nullos* por mim exaltados?

Entre os historiadores—destaco—*F. A. de Varnhagen, J. M. Pereira da Silva, A. J. de Mello Moraes, João Francisco Lisboa, Joaquim Caetano da Silva, Joaquim Felicio dos Santos.*

E' capitulo que merece estudo: em Varnhagen, especialmente, notei, além da erudição historica, os bellos serviços prestados á antiga litteratura medieval portugueza; a J. Lisboa—a attenção que prestou á formação da sociedade nacional; a J. Caetano da Silva—o immortal serviço na questão de Oyapock; a Felicio dos Santos—o tom animado da narrativa.

Eis ahi como os maltratei.

Entre os publicistas e oradores—*Dom Romualdo de Seixas, Bernardo de Vasconcellos, J. I. de Abreu e Lima, Antonio Pereira Rebouças, F. de Salles Torres Homem, Justiniano José da Rocha* e *Caetano Lopes de Moura*—todos exaltados, e

referidos, com distincção, os nomes de *Guedes Cabral, Leão Velloso* (o velho), *Bellarmino Barretto, Nascimento Feitosa, Rangel Pestana, Flavio Farnesi, Cesar Musico* e *F. L. Gusmão Lobo.* Não foi referido o nome de *Quintino Bocayuva,* por estar então ainda vivo, e no *Compendio* se haver combinado só incluir os mortos.

Quanto a *José do Patrocinio, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Carlos de Laet,* não sendo lembrados, porque ainda vivos então todos, pertencem, além disto, á phase seguinte, não historiada no *Compendio.*

Os contemplados fôram, portanto, mais trinta notaveis brazileiros, a quem altas distincções foram prestadas.

Ainda mais:—não são citados os nomes de *Teixeira e Sousa, Norberto Silva, Maciel Monteiro, José Maria do Amaral, Francisco Octaviano, José Bonifacio* (o moço), por já o ter sido, entre os poetas, na obra grande.

Os trinta nomes alludidos, juntos aos cento e dezenove—dão um total de cento e quarenta e

nove escriptores nacionaes dos mais illustres, todos por mim exaltados.

A que se reduz, pois, a safada censura de Lomelino Freitas?

A misera falsidade, capaz de envergonhar até os frades de pedra.

Mas ainda não é só: se o *Compendio* augmenta o numero dos prosadores, porque os aprecia até 1870 e annos proximos, a *Evolução do Lyrismo Brasileiro*—eleva o numero dos poetas, porque os conduz até 1900; e o *Quadro Synthetico da Evolução dos Generos*—faz crescer tanto o de uns como o de outros, porque os acompanha até os dias de hoje.

E' o que se vae agora apreciar; mas antes, toma vaia peralta:

Em ser logica—sciencia,
E ser arte—, paspalhão,
Fala, fala . . . em consciencia:
Haverá contradicção?

X

Em *Evolução do Lyrismo Brasileiro,* livrinho de glorificação á grande capacidade artistica do povo, além de todos os notados na *Historia* e no *Compendio,*—avultam mais as figuras de *José Eduardo Teixeira de Sousa, Martíns Junior, Fontoura Xavier, Lucio de Mendonça, Assís Brasíl, Augusto de Líma, Medeiros e Albuquerque,* entre os da *escola realístico-social.*

Entre os *parnasianos,* os *symbolístas,* e poetas mais ou menos dissidentes desses diversos credos, são de notar as bellas *silhouetes* de *Theophilo Días, Raymundo Correia, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Luíz Murat, Cruz e Sousa, Mucio Teixeira, Emílio de Menezes, João Barretto de Menezes, Theotonio Freire, França Pereira* e *Bernardíno Lopes.*

São mais vinte e uma figuras de nosso pan-

theon litterario a juntar ao numeroso grupo anterior. Temos já um total de cento e setenta espiritos a quem a minha critica teve a honra de fazer justiça.

Abramos agora o *Quadro Synthetico da Evolução dos Generos na Litteratura Brasileira;* abramos eu e tu, leitor, e digo *abramos,* porque Lomelino não distingue os casos, em que por sua conta e risco falando em auctor usa da primeira pessôa do singular e os casos em que, alliado ao leitor, recorre á primeira do plural, e, por isto, me faz algures no livréco censura.

E' de mais! Avaliem, por ahi, a qualidade e a capacidade dessa azemola,—que rege cadeira no ensino official da Republica!...

Abramos o *Quadro Synthetico,* onde vem seleccionada a gente melhor, e vejamos os nomes alli contemplados, não referidos nos livros anteriores.

Em—*Poesía*—estes: *Constantíno Gomes, Días Carneiro, F. P. de Araujo Correia, Carlos Ferreira, Quiríno dos Santos, Prado Sampaio,*

Valentím Magalhães, José Jorge de Siqueira Fílho, Affonso Celso, Vicente de Carvalho, Arthur Azevedo, João Ribeiro, Guimarães Passos, Magalhães de Azeredo, Mario de Alencar, Luìz Guimarães Filho, Paulo de Arruda, Goulart de Andrade, J. Pereira Barretto, Matheus de Albuquerque, Alphonsus de Guimarães, Francìsco Mangabeira, Nestor Víctor, Silveira Netto, Felix Pacheco, Mario Pederneiras, Hermes Fontes, Jonas da Sílva, C. Porto Carreiro, Baptìsta Cepellos e *Luìz Edmundo.*

Mais trinta e um; total:—duzentos e um...

Então, casmurrête, quaes foram os brasileiros nullos, insignificantes, que exaltei?

Quantos desses nullos estão entre esses duzentos e um?

Quaes foram os de verdadeiro merito, os de *reputação firmada* (Este demonio fala em *reputação firmada!...* Coitado!...) que deprimi?

Quantos delles estão entre esses duzentos e um?

Deixa-te disso.

No *Theatro* vêm estes: *Salvador de Mesquita, Gonçalo Ravasco, Botelho de Oliveira* (referido nos outros livros, mas não citado ainda nesta resenha), *José Borges de Barros, Narcontes Pinto, Paulo do Valle, Luiz Antonio Burgain, Quintino Bocayuva, Achilles Varejão, Castro Lopes, Augusto de Castro, Clemente Falcão, Sizenando Nabuco, Carneiro Villela, A. da Cruz Cordeiro, Barata Ribeiro, Sabbas da Costa, Ernesto Ferreira França, Oliveira Sobrinho, Domingos Olympio, França Junior, Pinto Pacca, Aluizio de Azevedo, José Piza, Oscar Guanabarino, Coelho Netto, Oscar Lopes* e *Quaresma Junior.*

Mais vinte e oito; total: duzentos e vinte e nove.

Não esquecer que certas figuras de grande relevo no theatro—não estão ahi lembradas, porque já o foram entre os poetas. E' o caso, por exemplo, de Arthur Azevedo.

No *Romance* e no *Conto:—Nuno Marques*

Pereira, Araripe Junior (o grande critico), *Appolinario Porto Alegre, Inglez de Sousa, Clementino Lisboa, José do Patrocinio* (o grande jornalista), *Rodolpho Theophilo, Affonso Arinos, Garcia Redondo, Galdino Pinheiro, Viriato Correia, Xavier Marques, Domicio da Gama, Arthur Lobo, Papi Junior, Viveiros de Castro, Heitor Guimarães, Pedro Rabello, Julio Ribeiro, Marques de Carvalho, Horacio de Carvalho, Adolpho Caminha, Antonio Celestino, Faría Neves Sobrinho, Raúl Pompéa, Gonzaga Duque, Graça Aranha, Virgilio Varzea, Almachio Diniz, Raul de Azevedo, Thomaz Lopes.*

Mais—trinta e um; total: duzentos e sessenta.

Na *Eloquencia:—Aspicuelta Navarro, Nobrega, Cardim, Luiz da Gran* (portuguezes, mas contemplados), *Eusebio de Mattos, Antonio de Sá, Antonio Vieira* (idem), *Roberto de Jesus, Manoel da Madre de Deus, Sampaio, Rodovalho, frei Itaparica, frei Raymundo, Fonseca Lima, Patricio Moniz, Macedo Costa, Lino Coitinho, Alves Branco, Carneiro de Campos, Abrantes, Jequitinhonha, São Lourenço, Paraná, Uruguay, Nabuco, Zacarias,*

Sousa Franco, Cotegipe, G. Rodrigues dos Santos, Rio Branco (o visconde), *Fernandes da Cunha, Ouro Preto, Silveira Martins, Ferreira Vianna, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Urbano Sabino, Randulpho Medrado, Paula Baptista, S. Dias da Motta, Aprigio Guimarães, Lopes Trovão, Oliveira Bello, R. da Silva Britto, padre Julio Maria, conego Francisco de Paula Rodrigues, monsenhor Manoel Vicente, Manoel Victorino, Belisario Augusto, Barbosa Lima, Gastão da Cunha, Martinho Garcez, Fausto Cardoso, Pedro Moacyr.*

Mais cincoenta e quatro; total: trezentos e quatorze . . .

Então, casmurrete, quaes foram os de *merìto* deprimidos e os *nullos* exaltados?

Anda, anda, toma voz; defende-te se o podes!

No *Genero Historico,* além dos já notados, mais estes:— *Gabriel Soares, Borges da Fonseca, Roque Leme,* entre os mais velhos. E, depois, —*Moniz Tavares, Fernandes Gama, Rayol, conego*

Fernandes Pinheiro, Moreira de Azevedo, Cesar Marques, Tristão de Alencar Araripe, Azevedo Marques, Candido Mendes, João Mendes, Silva Paranhos Filho (Barão do Rio Branco), Ramiz Galvão, Valle Cabral, Domingos Codiceira, João Brigido, José Hygino, J. P. Xavier da Veiga, Barão de Studart, Pereira da Costa, Capistrano de Abreu, padre Galanti, Theodoro Sampaio, Alfredo de Carvalho, Oliveira Lima, Diogo L. P. de Vasconcellos, Alcides Lima.

Não são citados *João Ribeiro* e *Assis Brasil*, por o terem sido em outros generos.

São mais vinte e nove. Total: trezentos e quarenta e tres.

Na *Critica*, além de varios nomes citados noutros generos, se me deparam mais estes: *Emilio Adet, Santhiago Nunes Ribeiro, Francisco de Paula Menezes, Antonio Joaquim de Mello, Sotero dos Reis, Macedo Soares, Eunapio Deiró, Rocha Lima, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Livio de Castro, Augusto Franco, Chrysanto de Britto, José Verissimo.*

Não são incluidos *Tobias Barretto*, *Araripe Junior*, *Adolpho Caminha*, *França Pereira*, *Osorio Duque Estrada*, por se lhes não repetir os nomes, já citados atraz.

Mais quatorze; total: trezentos e cincoenta e sete.

Em *Philosophia: Eduardo França* (não confundir com *Ernesto França)*, *Moraes e Valle*, *Soriano de Sousa*, *Luiz Pereira Baretto*, *Miguel Lemos*, *Teixeira Mendes*, *Alvaro de Oliveira*, *Samuel de Oliveira*, *Liberato Bittencourt*, *Domingos Guedes Cabral*, *Miranda Azevedo*, *Oliveira Fausto*, *Marcolino Fragoso*, *J. de Araujo Ribeiro (Visconde do Rio Grande)*, *Estellita Tapajós* e *R. Farias Britto.*

Não estão ahi *Tobias Barretto, Clovis Bevilaqua*, *Fausto Cardoso*, *Arthur Orlando*, *Livio de Castro, D. Magalhães, Patricio Moniz*, por citados noutros generos.

Mais dezeseis; total: trezentos e setenta e tres.

Na *Arte da palavra escripta:* além de muitos nomes, lembrados noutras esphieras da producção espiritual, mais estes,—*Ferreira de Araújo* (o grande jornalista), *Carlos de Laet, Francisco de Castro, Hemeterio dos Santos, Phaelante da Camara,* ainda não citados.

Mais cinco; total: trezentos e setenta e oito brasileiros a quem fiz justiça, por mais que, de um ou doutro rarissimos, tenha dissentido, no terreno das ideias, o que era de meu direito e meu dever.

O leitor me perdoará este processo estatistico. Era indispensavel para esmagar a calumnia.

Não está, porém, tudo acabado.

Em meus livros de ensaios apparecem outros brasileiros não contemplados ainda nesta resenha. Devo chamal-os á frente.

Nos *Estudos de Litteratura Contemporanea,* publicados em 1885, são cumulados de merecidos gabos—*Narcisa Amalia, Mathias Carvalho, Plinio Lima, Baptista Caetano, Couto de*

Magalhães, Baptista de Lacerda, Rodrigues Peixoto, Ferreira Penna, Macedo Soares, Appolinario Porto-Alegre, Pacheco Junior, Paranhos da Silva, Carolina Koseritz.

Mais treze; total: trezentos e noventa e um.

Em *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea,* editados em 1898, meu rigorismo critico, tão exagerado por todas as almas mollengas, todos os espiritos acovardados, não cala a verdade e a justiça diante um *Leonidas e Sá,* um *Rodrigo Theophilo,* moços de talento, aquelle prematuramente fallecido; este, na pujança do talento, a figurar no hodierno jornalismo.

O mesmo acontece com *Xavier Pinheiro, Villa da Barra, Martins Costa, Moncorvo, Moura Brasil, Freire Fajardo, Beaurepaire Rohan.*

São mais dez figuras.

Qual dellas é a de nullo exaltado ou de grande talento deprimido?

Responda a inconsciente criticandice do apalermado aristarcho.

Já está ahi um total de quatrocentos e um brazileiros que, se, juntos, me encontrassem, me fariam fésta.

Em *Outros Estudos de Litteratura Contemporanea,* dados a lume em 1905, occorrem as sympathicas figuras de *Marcello Santa Fé, frei Santa Cecilia, Manoel Bahiense, Antonio Paes, João de Góes, Francisco Avelino, Tobias Magalhães, José da Annunciação* e *Joaquim Honorio,* grandes musicos sergipanos. As de *Antonio Moniz de Sousa* e do *dr. Fernandes Barros,* aquelle notavel observador de costumes e este distincto scientista.

Nem são esquecidos os poetas como *Pedro Moreira, Felinto do Nascimento, Eugenio Fontes, Leandro Sobral, Oliveira Campos, José Leandro, Severiano Cardoso,* seu irmão *Symphronio, Joaquim Esteves, Justiniano de Mello, Manuel dos Passos, Costa e Silva* e outros. E' a pleiade sergipana, sem falar nos que já tinham sido contemplados noutros livros.

Ha alli ensejo de se falar com distincção de

Pereira Lagos, *João Vieira de Araujo*, dois professores emeritos, o primeiro com bellos estudos de philosophia e o segundo de direito criminal.

Novo contingente de vinte e cinco figuras de merito, posto alguns tivessem ficado ignorados na provincia.

Estamos com um total de quatrocentos e vinte e seis.

Em *Ensaios de Sociologia e Litteratura* occorre, ainda não citado, o nome de *Carvalho Aranha*, bem como em o *Quadro Synthetico da Evolução dos Generos* se depara o de *Henrique Castriciano*, que me tinha escapado referir nas linhas a esse opusculo consagradas.

Só um insensato haverá na conta de um nullo, elogiado sem criterio, o distincto poeta do Rio Grande do Norte. Não merece menoscabo o sr. *Carvalho Aranha*, o moço que muito póde ainda dar ás letras, cujo livro de estreia prefaciei.

Em *Provocações e Debates* falo de *d. Maria Clara dos Santos*, *d. Amelia Bevilaqua* e *Eucly-*

des da Cunha. Mas as duas autoras são possuidoras de talento, merecedor de applausos e encorajamentos.

De *Euclydes da Cunha* é escusado justificar o elogio.

O mesmo devo repetir pelo que toca a *Gumercindo Béssa,*— exaltado no *Ensaio de Philosophia do Direito.*

São mais seis nomes e um total de quatrocentos e trinta e dois.

Na *Historia do Brasil, ensinada pela biographia de seus heróes,* além dos grandes vultos dos seculos coloniaes, brilham *Feijó, José Clemente, Caxias, Deodoro, Benjamin Constant* e *Floriano Peixoto,* não repetindo os nomes de *Evarísto da Veiga* e *Bernardo de Vasconcellos,* já lembrados.

Mais seis e um total de quatrocentos e trinta e oito.

E' inutil continuar.

O sr. Lomelino Freitas tem ahi as peças do processo: venha affirmar quaes foram os inspi-

rados, os profundos, os eminentes, os eloquentes, os eruditos poetas, philosophos, oradores, historiadores, romancistas, etc., etc. por minha *mania iconoclastica maltratados,* e quaes os insignificantes e nullos endeosados.

Não o fará, não o poderá fazer, porque faltou conscientemente á verdade, faltou, faltou.

Ahi tem: não pode haver demonstração mais documentada e declaração mais franca, mais sincera e mais honrada.

Conteste, se é capaz.

Mas vá ouvindo a vaia:

Em ser logica — sciencia,
E ser arte —, paspalhão,
Põe a mão na consciencia,
Haverá contradicção?

XI

Não sei, não posso atinar quaes sejam os escriptores incipientes e sem merito que exaltei.

Os rapazes a quem recommendei, em suas estreias, foram: Osorio Duque Estrada, Leonidas e Sá, Rodrigo Theophilo e Carvalho Aranha, — cujos primeiros livros prefaciei.

Mas Osorio Duque Estrada é um moço de talento, de nome conquistado na lucta, que vale muito mais do que todos os Lomelinos existentes e por existir. Leonidas e Sá era dotado de bôa intelligencia e teria muito dado de si, se não houvéra fallecido precocemente. Rodrigo Theophilo é hoje um dos mais festejados escriptores novos. Carvalho Aranha está fazendo figura nas lides forenses; tem muito talento e ainda ha muito a esperar delle.

Seguem-se depois aquelles de quem, quando

ainda quasi estreiantes, prefaciei livros: Mucio Teixeira, Nazareth de Menezes, Theotonio Filho. Mas Mucio Teixeira é um dos mais eminentes poetas brasileiros, sem a menor sombra de duvida, e um talento de primeira ordem. Nazareth de Menezes é um dos nossos jornalistas mais em destaque, e, como poeta, é humorista e satyrico de valor. Theotonio Filho é digno representante e continuador de um nome illustre; é um dos moços mais notaveis das letras patrias nos dias de agora. Não me arrependo, antes me desvaneço, de ter lhes sido util em qualquer gráo.

Os jovens escriptores, cujos livros gabei recentemente nos jornaes são: Franklin Magalhães, Machado Sobrinho, Nestor Victor, Matheus de Albuquerque e Plinio Motta.

Mas Franklin Magalhães é um alevantado lyrico de largo vôo.

Machado Sobrinho, sobre ser um professor de primeira plana, é um critico de saber e um poeta de apurada correcção.

Mathieus de Albuquerque ahi está na plenitude do talento a merecer geraes elogios.

Plinio da Motta é um lyrista de apurado gosto; vae em linha ascendente, e ha de produzir com brilho e distincção.

Nestor Victor é um nome que se impõe como novellista, critico e poeta, especialmente nas duas primeiras qualidades em que ascende á grande altura.

De nenhum delles retiro uma só linha do que escrevi e orgulho-me de os haver distinguido, fazendo-lhes pura justiça e animando-os.

Pelo que toca a escriptores de *reputação firmada* (O pulha ainda anda a curvar-se diante das *reputações firmadas,* como se o fim da critica não fosse exactamente derrocal-as em muitos casos), pelo que toca ás taes *reputações firmadas,* é verdade que em *Philosophia no Brasil* apêei tres ou quatro figuras de barro, endeosadas como profundos pensadores. Alli, porém, reconheço meritos em Pereira Barretto, Guedes Cabral, Visconde do Rio Grande e Tobias Barretto.

O mesmo fiz em *Ensaios de Critica Parlamentar,* onde derroquei cinco ou seis estatuas de pretensos grandes estadistas. Fiz, entretanto, excepção do Visconde do Rio Branco, e isto me basta; porque, de todos alli estudados, elle foi exactamente o maior e o unico de superior merecimento.

Em *Ethnographia Brasileira,* se censuro certos deslises de Ladisláo Netto e Barbosa Rodrigues, não desconheço os meritos de B. de Lacerda, Rodrigues Peixoto, Baptista Caetano e mesmo Couto de Magalhães.

A critica não deve abrir mão de seus direitos, com o receio de desagradar a galeria.

Aquelles livros se destinavam justamente a derrocar as taes *reputações firmadas* pela ignorancia e falta de criterio. Tinham, por força, de ser o que fôram, para abrir caminho ás novas intuições e novos ideiáes.

E' mister ser um Lomelino, nitido exemplar de pura estolidez, para estranhar os beneficos

effeitos produzidos, em tempo opportuno, por obras de combate, como essas minhas.

Mas é sempre assim: os cameleões, que vêm depois, aproveitam-se das mutações e conquistas feitas e atiram pedras aos benemeritos que lhes ajudaram a propria libertação.

E' sempre assim.

Résta o caso de Arthur Guimarães.

Deixei-o propositalmente para o fim, porque, *não querendo,* como assevérou, *citar nomes,* o sr. Lomelino Freitas entendeu de bom aviso citar o desse meu amigo.

Para tanto guardou o papel velho de não sei que jornal desta cidade e veio apadrinhado com descabidas palavras de Medeiros e Albuquerque, palavras escriptas, em momento de máo humor, contra *A Fasenda do Paraiso,* romance da lavra de Arthur Medeiros, cuja alta intelligencia e selecta cultura sou dos primeiros a reconhecer e gabar, nem quiz entender o prefacio por mim posto áquelle livro, nem o proprio espirito da obra.

Quanto ao prefacio (1889), reagi nelle contra a ingenua supposição do progresso indefinido de todas as raças, notando a decadencia dalgumas dellas, e contra a fatua crença da multidão infinita dos themas litterarios.

Estranhava, por fim, o abandono em que têm jazido certos assumptos que poderiam ser abundantes filões a explorar pelos romancistas modernos, e citava, entre elles, as scênas e situações da vida commercial.

Referia-me ao pequenissimo numero de producções litterarias no assumpto, reduzidas a raros romances de Freytag, Zola, Ohnet e poucos mais. Concitava nossos auctores de novellas a explorarem a região, e gabava Arthur Guimarães, por o haver tentado, naquelle livro, como já antes o fizera em *O Obstaculo.*

Ora, tudo isto está dentro da verdade estricta, que não póde ser abalada nem mesmo pela critica severa e acerada de um Medeiros e Albuquerque.

E' certo que o autor, homem sahido da vida

rúde dos negocios, não se entrega aos hysterismos das phrases retumbantes, das descriptivas palavrosas e empoladas, das vacuidades da adjectivação multicôr, das faceirices cambiantes, dos dizeres alambicados da moda. Isto é verdade.

Não é só.

Arthur Guimarães, que fôra meu discipulo nos annos de 1896 e 1897, em largo curso, foi por mim iniciado, mais tarde, nas ideias da escola da Sciencia Social de Le Play, como está para lêr-se no prefacio que puz (1904) ás suas *Questões Economicas Nacionaes.* Aconselhei-o, então, a que se atirasse, de preferencia, aos estudos de ordem economica, por mais de accôrdo com suas habilitações. Fez-me o favor de ouvir. Dahi as referidas *Questões Economicas Nacionaes,* por mim prefaciadas e os *Problemas Brasileiros,* a que addicionei, á guisa de prologo, *O Brasil na Primeira Decada do Seculo XX* (1911).

Ora, Lomelino ha-de convir que taes publicações sempre valem mais do que as piratarias

economicas do *mano* no *Economista Brasileiro,* onde se não sabe o que mais detestar, se as petulancias do asno, ou as sandices do tratante.

Toma trote:

Em ser logica — sciencia
E ser — arte, oh! asneirão,
Haverá qualquer tolice,
Haverá contradicção?!

XII

Como quer que seja o sr. Lomelino anda mal inspirado, quando me julga um desalmado pessimista *au bon de la société*... sem um movimento de sympathia por ninguem.

Não allego serviços; mas me confesso perante a nação, relatando-lhe varios casos em que tive a honra de ir ao encontro de homens illustres, attendendo ás suas solicitações, ou advinhando-as para as servir desinteressadamente.

Já não falando nos casos lembrados da reivindicação de mais larga intuição historica no julgar Teixeira de Mello, Mello Moraes Filho, Tobias Barretto, principalmente este, sempre sedento de justiça, poderia dizer alguma cousa neste sentido—esse Rio Branco, morto ha pouco, em plena e merecida glorificação.

Tinha-se começado a discutir o tratado de Petropolis.

A imprensa em sua generalidade e especialmente a imprensa opposicionista, levantava grande oppugnação ao que ella chamava a *compra de terras que já eram nossas,* por um lado, *a cessão de territorios nacionaes,* por outro, um verdadeiro desastre . . .

A opinião publica alarmava-se. O exercito, sempre cioso de nossos verdadeiros titulos de nação altiva, agitava-se. O sr. senador Ruy Barbosa, o mais illustre membro da commissão de estudos do projecto de tratado, dava a sua demissão, e, ao calor de seu alto patriotismo, fazia na camara a que pertencia um formidavel discurso, como só elle os sabe fazer, contra as ideias exaradas no plano de Rio Branco . . . A situação era gravissima.

Nesta conjunctura o grande ministro teve um gesto, que me apagou no espirito todas as injustiças de que tenho sido victima nesta terra: lembrou-se de meu nome para o defender. Mandou-me pedir que o fizesse pelas columnas do

Jornal do Commercio. O portador de seu recado foi meu ex-discipulo—Domicio da Gama, nome hoje illustre, nosso embaixador em Washington.

Escrevi, então, o artigo que corre sob o titulo—*O Barão do Rio Branco como historiador e diplomata,* collocando a questão no seu verdadeiro terreno historico, geographico e destacando o selecto saber do excelso negociador nesse departamento dos conhecimentos humanos.

Foi como agua na fervura, dizia-me, dias depois, illustre advogado, monarchista, e muito relacionado no Rio de Janeiro.

A matinada cessára aos poucos e o tratado se realisou suavemente. Sei que muitos defensores, *anonymos* e *habeis,* teve então Rio Branco, em varios jornaes e por *dinheiro* . . .

Eu entrei com o meu nome e não recebi nada. Nem Rio Branco, que me conhecia a fundo, teria tido jamais a audaciosa leviandade de me querer pagar o serviço que lhe tinha prestado como brasileiro escriptor.

Poderia tambem dizer alguma cousa no

assumpto esse mesmo eminentissimo Ruy Barbosa.

Era elle ministro no Governo Provisorio. Seu plano financeiro tinha levantado enorme gritaria desfavoravel na imprensa.

Ferreira de Araújo, principalmente, nas columnas da popular *Gazeta de Noticias,* movia uma guerra muito renhida e habilissima, pondo em contribuição toda a habilidade e dialectica de seu fino e atiladissimo espirito. No seio do ministerio algumas vozes se levantavam contra as doutrinas do ministro da fazenda. O proprio Deodoro começava a vacillar.

Fui, então, procurado pelo meu amigo Tobias Monteiro, da parte de Ruy Barbosa, para o defender.

Fil-o com ardor, por achar acertadas, naquelle tempo, as ideias do grande ministro, ideias deformadas, mais tarde, por seus continuadores immediatos.

Escrevi larga serie de artigos no *Diario de Noticias,* do sr. Antonio Azeredo, artigos que

tiveram grande repercussão, mais, certamente, pela conhecida independencia de quem os firmava, do que por seu valor intrinseco.

Dias depois, indo, por não sei que circumstancia da politica de Sergipe de que, naquelle tempo me occupava, ao Palacio de Itamaraty, onde residia Deodoro, disse-me esse Hermes da Fonseca, hoje presidente da Republica, e naquella epoca, official ás ordens do tio: *"Oh! o senhor foi hontem citado no conselho de ministros..."*

E como lhe perguntasse a que proposito, respondeu-me: *"Pela sua defesa da politica financeira do ministro da fazenda, o qual chamou especialmente a attenção dos collegas para o valor pessoal do auctor dos artigos, por sua conhecida imparcialidade e independencia"*.

O serviço foi desinteressado, e por antiga amisade ao grande brasileiro.

Mas não foi a estas duas summidades da politica que tive ensejo de ajudar, por qualquer forma.

Cá em baixo, na região dos pequenos, onde

sempre andei e andarei, glorio-me de ter ajudado a um Tito Livio de Castro.

Tinha-o conhecido no Collegio Pedro II, tomara-lhe affeição e dedicava-lhe estima. Morto prematuramente, obtive de Ruy Barbosa, no tempo do *Provisorio*, que mandasse editar na *Imprensa Nacional*—os escriptos do saudoso e eminente espirito, de todos desconhecido.

Ruy accedeu; devia-se dar começo por esse bello livro da *Mulher e a Sociogenia*.

Como houvesse accumulo de trabalho na *Imprensa Nacional* e tivesse havido demora em se iniciar alli a composição, pedi ao ministro Tristão de Alencar Araripe, successor de Ruy, que ordenasse a impressão na typographia existente na *Casa da Moeda*, naquella epoca sob a criteriosa direcção de meu excellente amigo—dr. Eugenio de Sousa.

Fui servido e dalli sahiu o livro por mim revisto e prefaciado.

Puz no frontespicio o nome do sr. Manoel da Costa Paes, por ter sido elle quem criara Tito Livio de Castro. Mas era méra delicadeza.

O velho Paes não estava no caso de obter dos ministros a publicação, nem de tirar as provas do livro.

Com o apparecimento da *Mulher e a Sociogenia,* e pelo que do autor proclamei no prefacio, ficou geralmente conhecido esse genial mancebo, a quem sempre dediquei paternal affecto.

Cousa aproximada pratiquei com Fausto Cardoso.

Viéra-me recommendado de Sergipe. Conheci, á primeira vista, que tinha talento. Apresentei-o a meio mundo. Estando, em 1892, a escrever uns artigos acerca das correntes politicas do momento, citei sobre militares um trecho delle, sem a menor necessidade, só para nomeal-o e tornal-o conhecido. Logo após arrangei-lhe uma cadeira na Faculdade Livre de Direito, para pôl-o em contacto com a mocidade e mundo professoral da terra. Pouco após consegui editor para a sua *Concepção Monistica do Universo.* Estava feito.

Como acontecesse que, com a maior brandura, lhe não acceitasse a lei da repetição abre-

viada da historia, atacou-me em longa serie de artigos no *Jornal do Commercio.*

Nada lhe respondi, nem me dei por achado. A primitiva sympathia pelo seu talento prevaleceu em meu espirito.

Não cito serviços; defendo-me. Não me arrependo do que fiz por Fausto e por Livio de Castro. Foram preitos á intelligencia de moços de primeira ordem que precisavam auxilio.

Igual proceder tive para com Martins Junior.

Logo que deu os primeiros passos nas letras, não deixei mais de lembrar-lhe no Rio o nome para o dar a conhecer.

Quando fiz concurso para um logar de lente na Faculdade de Direito do Recife, ao receber a sua these sobre *A instituição romana e a germanica na praxe processual,* sem a menor demora, escrevi forte artigo elogiativo, para facilitar-lhe a nomeação.

O mesmo procedimento tive para com João Ribeiro. Fôra-me apresentado pelo tio, meu bom amigo dr. Pedro Moreira, que, antes da

vinda para cá do sobrinho, enviara-me um volume inedito de poesias da lavra de seu joven parente. Eram os *Idyllios Modernos.*

Reconheci logo o signal do talento.

Sem tardança escrevi artigo encomiastico na antiga *Revista Brasileira.*

Pouco depois chegava o mancebo sergipano; recommendei-o ao dr. Alberto Brandão, que o acolheu bem em seu Collegio. Alli conheceu João Ribeiro o famoso philologo dr. Lameira de Andrade. Este facto decidiu da direcção dos estudos de meu patricio:—atirou-se á philologia e linguistica.

Não muito depois, tendo entrado em concurso para um logar na Bibliotheca Nacional, como prova de applicação e saber, publicou os *Estudos Philologicos.* Immediatamente dei á estampa largo artigo de boa apreciação, para lhe facilitar a nomeação.

Estes escriptos, bem como o relativo a Martins Junior occorrem nas minhas collecções de *Ensaios.* Para completar a obra, apresentei-o

ao meu especial amigo—o livreiro Francisco Alves, pedindo que lhe editasse uma grammatica portugueza. E' de notar que João Ribeiro não a tinha ainda escripto. Fôra um palpite meu, a que o editor respondeu: "Pois bem, elle que a faça". O resultado foi magnifico; todos o sabem.

Será isto elevar mediocridades?

Rio Branco, Ruy Barbosa, Livio de Castro, Fausto Cardoso, Martins Junior, João Ribeiro—estão no numero das primeiras mentalidades nacionaes.

De Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Theotonio Freire, França Pereira, Prado Sampaio, João Barretto de Menezes e outros, logo que deram os primeiros passos na imprensa, não cessei de nomeal-os a miudo para os vulgarisar.

De Mucio Teixeira, grandissimamente conhecido hoje, de Osorio Duque Estrada, Theotonio Filho, Rodrigo Theophilo, Leonidas e Sá, Arthur Guimarães, Nazareth de Menezes, prefaciei livros, nas suas estréas, por conhecer nelles todos capacidades fóra do commum.

Sobre Plinio Motta, Francklin Magalhães, Nestor Victor, Matheus de Albuquerque, escrevi espontaneamente artigos para os ajudar a proseguir por entre as injustiças dos contemporaneos.

A Viveiros de Castro, auctor da *Nova Escola Penal,* consagrei artigo especial para vulgarisar no Rio de Janeiro, quando começou aqui a apparecer.

De Gumercindo Béssa, então de todo ignorado e só para o dar a conhecer, espontaneamente, citei trechos em meus *Ensaios de Philosophía do Díreíto,* e reproduzi, em appendice, um longo estudo sobre a definição do Direito. Era só pelo prazer de despertar sobre esse grande talento a attenção geral.

Ao educador Hilario Ribeiro—não deixei de prestar alguns serviços. Apresentei-o ao editor Francisco Alves; funccionei, depois, em seu inventario, como tutor de seus filhos e tenho a satisfação de affirmar que os direitos de meus tutelados, sob a gerencia de Francisco Alves, foram sempre garantidos.

Deixo para o fim dois capitulos typicos: o de Capistrano de Abreu e o de Florisbello Freitas.

Eu não tinha motivo algum para ter attenções especiaes com o sr. Capistrano de Abreu.

Tinha sido sempre um *cabríon* que me molestara constantemente.

Conhecêra-o, desde 1870, no Recife. Sempre seboso, exquisitão, lingua terrivel na maledicencia soturna, vivia, á meia voz, ferindo toda a gente.

Quando, em março daquelle anno, publiquei o meu primeiro artigo de critica *A poesía dos Harpejos Poetícos,* de Santa Helena Magno, o trefego e maldoso cearense, ao que fui immediatamente informado, cobriu-me dos mais feios chingamentos nas palestras da estudantada com que morava e privava.

Depois perdi-o de vista; tinha-se retirado para o Ceará, onde, com Rocha Lima e outros moços que tinham passado pelo Recife nos annos 1870 a 72, entrou a repetir aquellas mesmas ideias que havia, pela primeira vez, aprendido, as de critica litteraria, em escriptos meus, as de philosophia, em artigos de Tobias Barretto.

Em 1874 mudou-se para o Rio de Janeiro. No anno seguinte, tendo eu publicado o opusculo—*Ethnologia Selvagem,* no qual havia uma nota sobre José de Alencar, o desalmado cearense, por ser agradavel ao celebre romancista, passou-me formidavel descompostura pela imprensa.

Isto não o privou, em 1879, quando, por minha vez, vim estabelecer-me na capital brasileira, e comecei a falar em *allemanismo,* a ser tentado á imitação, tanto que, com outros, formou um circulo para o estudo da lingua alleman, tendo por professor o fallecido Carlos Jansen.

Dalli é que partiu, da bocca de Capistrano, a famosa historieta, repetida por José Verissimo, de que dei larga noticia nas *Zéverissímações ineptas da Crítica.*

Logo em começos de 1880, como tivesse eu renhida polemica com José do Patrocinio e Vicente de Sousa, Capistrano aos meus contendores deu mão forte, ajudando-os, quanto possivel.

Eu sabia de tudo; mas não me dava por achado, por andar na crença, desde o Recife, de ser o exquisito homem grande estudioso da historia do Brasil, e respeitava-o por isto. Era uma singularidade essa ingenua credulidade na sabença historica de Capistrano. Não o queria perturbar nas suas suppostas grandes investigações originaes.

Era elle empregado na Bibliotheca Nacional.

Annos depois inscreveu-se ao concurso para a *cadeira de historia do Brasil,* no Collegio de Pedro II. Esta cadeira estava, provisoriamente, sendo regida pelo dr. Gama Berquó. Este, muito habil e estudioso, era estimadissimo de todos os membros da Congregação.

Capistrano seria infallivelmente derrotado, se não o tivesse amparado.

Na crença firme em que andava de seu profundo saber da nossa historia, movi as cousas de modo a entrar para a commissão examinadora e julgadora para defender o seu merito.

Consegui. Alli desenvolvi energica e vivaz

campanha a seu favor. Obtive que fosse collocado em primeiro logar. A Congregação, por maioria de votos, como sempre costuma fazer, homologou o parecer da commissão examinadora.

Mas para que se saiba da força da corrente que havia a favor de Gama Berquó, basta que diga que o venerando e estimadissimo Barão Tautphaus votou por elle, contra Capistrano!...

Sabe Deus o esforço que me custou para ficar em opposição a este dilecto amigo e sabio medico.

A tudo resisti. O sr. Capistrano sahiu triumphante e com razão porque na especialidade tinha estudos mais originaes. Não me arrependo do que fiz; porque era justiça; mas uma justiça que muito trabalho me deu para a tornar vencedora!...

Se tivesse fraqueado, elle teria rodado infallivelmente, porque Berquó, auctor de varios livros, era, por sua vez, muito intelligente; era muito

estimado; já estava regendo a cadeira, e era excellente professor.

Hoje, depois de tantos annos, e não se havendo realisado as esperanças que toda a gente depositava no sr. Capistrano, de quem se aguardava uma vasta e completa *Historia do Brasil,* vejo que fui victima até certo ponto, de uma illusão.

Ainda agora reconheço que em minucias, cousas micrologicas, pequenos factos, pesquizas proprias de documentos, o cearense é de facto superior ao outro.

Mas como lente, este o supplantaria, talvez.

Capistrano, apezar de sabedor, sahiu um máo professor, como geralmente se sabe.

Antipathico, sem o dom da palavra em gráo algum, indolente, sem a menor dóse de força suggestiva, não fez um só discipulo . . .

Como quer que seja, pensam os leitores que elle me fosse, de longe sequer, reconhecido? Nada . . .

Pouco depois rompia contra mim Valentim Magalhães, nas notas á margem dos *Ultimos Harpejos,* e o sr. Capistrano, entre gostosas gargalhadas, o applaudia no escriptorio da *Gazeta de Noticias,* a que pertencia.

Não é só: todas as anecdotas, todas as aleivosias, perfidamente espalhadas no Rio de Janeiro, de trinta e tantos annos a esta parte, a meu respeito e de meus amigos do Recife, têm partido daquelle demonio.

Conheço-as de longe.

Não era de esperar outra cousa do tortuoso ente com quem Raúl Pompéa, Urbano Duarte, Araripe Junior e Francisco Alves—fôram forçados a romper relações.

Na longa lista que ahi deixei de individuos a quem dei a mão, em qualquer sentido, teria sido o unico verdadeiramente ingrato, se não tivesse, nesse sentido, por companheiro o famigerado Florisbello Freitas, seu digno camarada.

Este, feito por mim republicano e governador

de Sergipe, escoiceou-me, logo após, por modo incrivel. E' o que se vae ler no paragrapho seguinte.

Ouve-se ao perto:

Em ser logica — sciencia
E ser — arte, paspalhão,
Que massada! que insistencia,
Haverá contradicção?!

XIII

Affirma o sr. Lomelino Freitas haver eu errado, entrando para a politica activa de Sergipe, em começos da Republica, sendo forçado a della retirar-me enjôado . . .

Nesta parte tem elle toda a razão. Mas releva contar-lhe um pouco de historia daquelle tempo, afim de lhe dar a saber que houve quem lucrasse com a minha rapida passagem pela politica sergipana e nella se tenha mantido até hoje, cada vez mais atolado no lamaçal de innumeras miserias.

Corria o anno de 1888, quando o *mano* entrou a bombardear-me com cartas, dizendo-me que estava a escrever uma historia da provincia e desejava que lhe desse taes e taes informações.

Respondi, accedendo ao pedido.

Nesse anno, ao presenciar aqui as festas da abolição da escravidão, decretada naquelles dias, e notando a enorme agitação republicana, escrevi ao *mano,* residente na cidade de Laranjeiras, pouco mais ou menos nestes termos: "A recrudescencia da ideia republicana é agora immensa. A republica ahi vem. Sergipe, fez fraca figura na abolição, e, ao que me parece, não tem partido republicano organisado. E' preciso crial-o quanto antes, senão nossa terra será colhida de sorpreza. Se V. é republicano organise já ahi um club para a propaganda da ideia e arregimentação de forças; se não é, veja alguem que o faça. E' urgentissimo".

O *mano,* ao que depois me referiram, por aquelle tempo tinha tido quaesquer desavenças com o *Gremio Liberal* de Laranjeiras.

Minha carta foi, no momento, para elle um bello achado. Leu-a a varias pessoas e com estas installou o *Partido Republicano em Laranjeiras,* como está para ler-se na *Acta* que me foi remettida. A reunião fôra a 1 de novembro de

1888. Nessa acta se lê: "Depois de procedida a eleição (da Directoria) o dr. F. (o *mano*) pediu a palavra e propoz para representar o partido perante o congresso republicano que brevemente teria logar no Rio, o critico sergipano, S. R., que foi acclamado, em vista da convicção de todos os correligionarios no valor scientifico e sentimentos patrioticos do representante".

Logo depois disso, o *mano* entendeu de vir tentar fortuna no Rio de Janeiro e aqui aportou.

Andei com elle de Herodes para Pilatos, apresentando-o, com altos encomios, a todos os meus amigos, preparando-lhe o terreno para vir assentar tenda nesta cidade, porque disso deu elle mostras de decidido desejo.

Corria já o anno de 1889: o *mano* voltara a Sergipe a buscar a familia.

Entrecorrentemente tinha caido o partido conservador, dirigido pelo conselheiro João Alfredo; entraram no poder os liberaes, sob o mando do Visconde de Ouro Prêto.

Dissolvidas as camaras, tinha-se de proceder

as eleições para novos representantes da nação. Fôram as ultimas realisadas sob a monarchia. Vicente Ribeiro e outros chefes do partido republicano entenderam de pleitear a eleição e apresentaram-me candidato.

O *mano* estava em Laranjeiras, e, em vez de ficar firme no seu pôsto, ajudando os correligionarios, dispunha-se, nas vesperas do pleito, a partir para Aracajú, afim de seguir viagem para o sul...

Fôrrou-o a essa vergonha o chefe Vicente Ribeiro que o reteve, só o deixando seguir depois da lucta eleitoral.

Contou-m'o o proprio coronel Vicente Ribeiro.

E' tradição geral em Sergipe que o abandono da eleição era devido á promessa feita pelo presidente da provincia,—dr. Jeronymo Sodré—, de um bom emprego para alguem da familia do *mano*.

Como quer que tenha sido, reappareceu no Rio de Janeiro o *mano* e fixou-se.

Pouco depois estalava a revolução de 15 de novembro de 1889.

O Tartufo sonhou logo com o governo de Sergipe.

Um ou dois dias depois da borrasca, 16 ou 17 de novembro, sahia eu do Instituto dos Cégos, no Campo de Sant'Anna, onde tinha ido falar a Benjamin Constant, quando encontrei o *mano,* o capitão Ivo do Prado e o padre Job Magalhães, que se dirigiam ao edificio do telegraphio, então naquellas immediações.

Passaram telegramma, que tambem assignei, para Sergipe.

Nessa occasião Ivo do Prado disse-me que me andavam a procurar, porque elles e outros sergipanos desejavam que o primeiro governador de Sergipe fosse o *mano,* e que eu, como mais velho e mais conhecido, servisse de interventor junto ao ministro do Interior, que fazia as nomeações. Percebi logo o manejo: os tres não andavam a procurar-me . . . era mera *historia,* e velho plano assentado.

Todavia, com elles, atravessei o campo, dirigi-me ao Quartel General, onde se achava o ministro,—Aristides Lobo—, fiz-lhe a apresentação do *mano* e pedi que o nomeasse governador de Sergipe.

E assim foi feito.

Tive logo conhecimento de que o *mano,* antes de sahir do Rio, já me andava a trahir . . .

Mais tarde, pouco mais tarde, já negava que o tivesse eu mettido na politica republicana e o tivesse indicado ao governo provisorio para primeiro governador de Sergipe.

Quanto áquelle ponto, porém, aqui está o depoimento de pessôa auctorisada, residente ao tempo em Laranjeiras.

Dirigi a essa pessôa varios quesitos, dos quaes tive resposta.

Só transcrevo os que se referem ao caso em debate.

Perguntei: *"E' ou não verdade haver eu naquelle anno, depois da abolição da escravi-*

dão, escripto ao MANO, *notando-lhe a má figura feita por Sergipe na campanha abolicionista, e instigando-o a iniciar a propaganda republicana, criando clubs, etc.?"*

"Respondo—sim. E se F. tem noção do que é honra, do que é dignidade, não deve, não póde, sem commetter um acto de inegualavel safadeza, negar e contestar esse facto.

"Não crendo em absoluto que a perversidade e o cynismo possam extrahir de um individuo qualquer a sua consciencia e a sua memoria, eu appello para F., certo de que elle melhor do que os republicanos de Laranjeiras e mais convencidamente do que o signatario destas linhas, tem o imperioso dever, a rigorosa obrigação de responder ao quesito—*sim,* mil vezes—*sim!"*

Perguntava mais: *"E' ou não verdade ter sido tal carta apresentada a alguns moços de Laranjeiras, que, enthusiasmados com a ideia e em vista das razões por mim expostas, deram alli inicio á propaganda, que se foi avolumando*

pouco a pouco até ao ponto de pleitear o partido as eleições de 31 de agosto de 1889?"

"Respondo—*sim,* e lastimo não estar agora em Laranjeiras, porque a resposta a este quesito vos seria dada por centenas de homens qualificados e por todos os membros do club republicano daquella cidade, que sempre vos fez a justiça de considerar-vos o seu oraculo.—*Ernesto Geminiano do Nascimento.*—Rio, 8 de julho de 1891".

Isto—quanto á entrada do *mano* para o partido—nos ultimos dias da monarchia; quanto á sua nomeação para governador, fale Aristides Lobo:

"Pede-me V. para declarar se é ou não verdade que o actual governador de Sergipe *me foi por V. apresentado e recommendado para esse cargo na Secretaria da Guerra.*

RECORDO-ME DISSO. E' quanto lhe posso dizer. Mas devo accrescentar que, *não conhecendo pessoalmente o dr. F.,* todavia não me era seu

nome estranho. Antes de V., o Bittencourt Sampaio e Eugenio de Lima me tinham falado delle.

Caxambú, 11 de abril de 1890.— *Aristides Lobo*".

Não duvido que Bittencourt Sampaio e Eugenio de Lima tivessem falado no *mano* a Aristides Lobo, antes da proclamação da Republica.

Mas não o apresentamos, em tempo, ao ministro, que *ainda o não conhecia pessoalmente,* quando lh'o apresentei, *nem o recommendaram para governador,* como o fiz, facto de que ainda em abril de 1890 *se recordava* Aristides.

De como o *mano* se sahiu no governo de Sergipe,—de desastre em desastre, a começar pela celeberrima captura e deportação de ciganos, suppostos ladrões de cavallo, ser-me-ia facilimo dizer, tendo, como tenho, em mão do hoje general Siqueira de Menezes, dos senadores Luiz Coelho, José Campos e Leandro Maciel, além do citado depoimento de Ernesto G. do Nascimento, não falando já nos jornaes do tempo.

Mas tenho mais que fazer do que sujar a

penna com o narrar as mazélas de tão exquisito typão.

Iria longe, se tivesse de publicar todo o meu repertorio e contar tudo que sei . . .

Como teria de vir de distante, desde antigos bandidos do Engenho Belém, passando por etc., etc., etc., etc., até as pandegas debaixo dos cajueiros do capitão Nicoláo! . . .

Quanta cousa do Engenho de Belém, de Itaporanga, Lagarto, Bahia, Laranjeiras, Rio de Janeiro, teria de vir a lume!

Preserve-me a sorte da necessidade de o ter de levar a cabo.

E quanto á exclusão do *mano* do rol dos historiadores, previno-te que não podem entrar em tal grupo, senão os auctores de escriptos desinteressados e honestamente feitos.

Quem prepara historias da cidade do Rio de Janeiro, ou historias do Banco do Brasil que dão logar a desarrazoadas *cavações* repellidas; quem escreve trapalhadas sobre as terras forei-

ras que tanto são offerecidas á municipalidade da cidade como, na falta de acceitação, aos proprietarios; quem faz memorias historicas sobre litigios de limites que se offerecem ao Estado de Minas, e, não os pegando este, são vendidas ao Estado do Rio de Janeiro; e outras que são offertadas ao Acre, e, não as apanhando este, são levadas e vendidas ao Estado do Amazonas, quem faz dessas maravilhas, não é um escriptor, é um fabricante de pêtas que se deve contentar com as negociações de seus productos e nada mais.

Historia não é loteria, ainda mesmo que se viva noutros mundos, nos quaes se confunde *parallelo* com *meridiano* . . .

Não me forces a falar, Lomelino! . . . Por teu socego e do mano Florisbello, acommoda-te, aquieta-te, rapaz.

Contenta-te com o que alli está e com as brandas vaias, como esta:

Fóra! . . . Fóra! . . . borregote,
Toma vaia, leva trote!

Em ser logica — sciencia
E ser — arte, bobalhão,
Desencanta esta pendencia:
Haverá contradicção?
Passa fóra, borregote
Toma vaia, leva trote . . .

Cae o panno sobre as accusações de Lomelino, todas esmagadas.

Rio de Janeiro — 1912.

ERRATA

Pag.	ERROS	EMENDAS
47	1866-63	1862-63
53	1850	1852
76	1898 a 94	1889 a 94
84	da Tobias	de Tobias
88	34	24
110	do sabor	ao sabor
113	ditas de occasião	ditos de occasião
115	1893	1895
117	irmos do	irmos ao
119	*amis, les ennemis*	*amis les ennemis*
125	1885	1895
»	se prende	se prenda
126	sem grande desejo	seu grande desejo
129	(Santiago)	(O antigo)
146	Gumercindo dos Santos	Gemerino dos Santos
151	Cesar Musico	Cesar Muzio
154	em que por sua conta e risco falando em auctor	em que, por sua conta e risco falando, um auctor
156	Narcontes Pinto	Nascentes Pinto
162	diante um	diante de um
»	Freire Fajardo	Freire, Fajardo
171	Arthur Medeiros	Arthur.—Medeiros
172	1889	1898
175	*au bon*	*au ban*
177	brazileiro escriptor	brazileiro e escriptor
178	habilissima	geitosissima
180	Eugenio de Souza	Ennes de Souza
182	quando fiz	quando fez
185	para vulgarisar	para o vulgarisar
189	sabio medico	sabio mestre
201	não o apresentamos	não o apresentaram
»	do hoje general Siqueira	cartas do hoje general Siqueira
»	Luiz Coelho, José Campos	José Luiz Coelho e Campos

Na lista de poetas da pag. 141 é repetido erroneamente o nome de Bernardino Ribeiro

342

25904

LIVROS A' VENDA

VIRGILIO CARDOSO DE OLIVEIRA — **Mosaico Infantil** — Primeiro passo de educação Civica, moral e physica. Volume de 200 paginas contendo poesias infantis, noções em prosa, canções e hymnos escolares, musica, brinquedos e jogos infantis, etc., capa illustrada a côres e 78 gravuras, 4.ª edição, 1 vol. cart. . . . . 3$000

Nossa Patria — Pequena encyclopedia Nacional, para uso das escolas Brasileiras, com capa illustrada a côres por Pedro Americo, e de muitas gravuras além das tres paginas coloridas. comprehendendo retractos, vistas, mappas, monumento, quadros historicos, etc., 2.ª edição da antiga Patria Brasileira, 1 vol. . . . . 4$000

Leitura Civica — Explicações adequada da Constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891, precedida de noticias a respeito das tradições republicanas no Brasil e da proclamação da Republica, com ligeiras noções de Direito Publico. Volume de 200 paginas ornamentada de gravuras, 2.ª edição, 1 vol. cart. . . . . 3$000

A Terra — Cosmographia e geographia, ornada de 14 mappas e 45 gravuras, 2.ª edição, 1 vol. . . . . 3$000

A Terra Brasileira — Estudo geral do Brasil especialmente, ornado de 23 mappas e 45 gravuras, 1 vol. cart. . . . . 3$000

XAVIER MARQUES — **Vida de Castro Alves** — 1 vol. broc. . . . 2$000

Sargento Pedro — (Tradições da Independencia) 1 vol. broc. . . 3$000

Janna e Joel — (Os Praieiros) romance, 1 vol. broc. 3$000; enc. 4$000

LEMOS BRITTO — **Oração ás Crianças** — Livro de Educação Civica, 1 vol. cart. . . . . 2$000

DR. MARIO DE ANDRADE — **Microscopia do Sangue humano** nas preparações frescas e seccas, 1 vol. broc. . . . . 2$500

DEMETRIO CYRIACO FERREIRA TOURINHO — **Promoções no crime e no civil** — 1 vol. com 230 pags. broc. . . . . 5$000

ALMACHIO DINIZ — "**O pomo de Ouro** e outros contos maravilhosos", contos para crianças, gravurados, com 150 pags. 1 vol. cart. 2$000

JOSÉ MARIA DA FONSECA — **Desenho** — 1 vol. broc. . . $500

COELHO NETTO — "**Contos Escolhidos**" — Collectanea dos contos que o autor julgou melhores em toda sua obra, em 1 vol. de mais 400 paginas, broc. 4$000; enc. . . . . 5$000